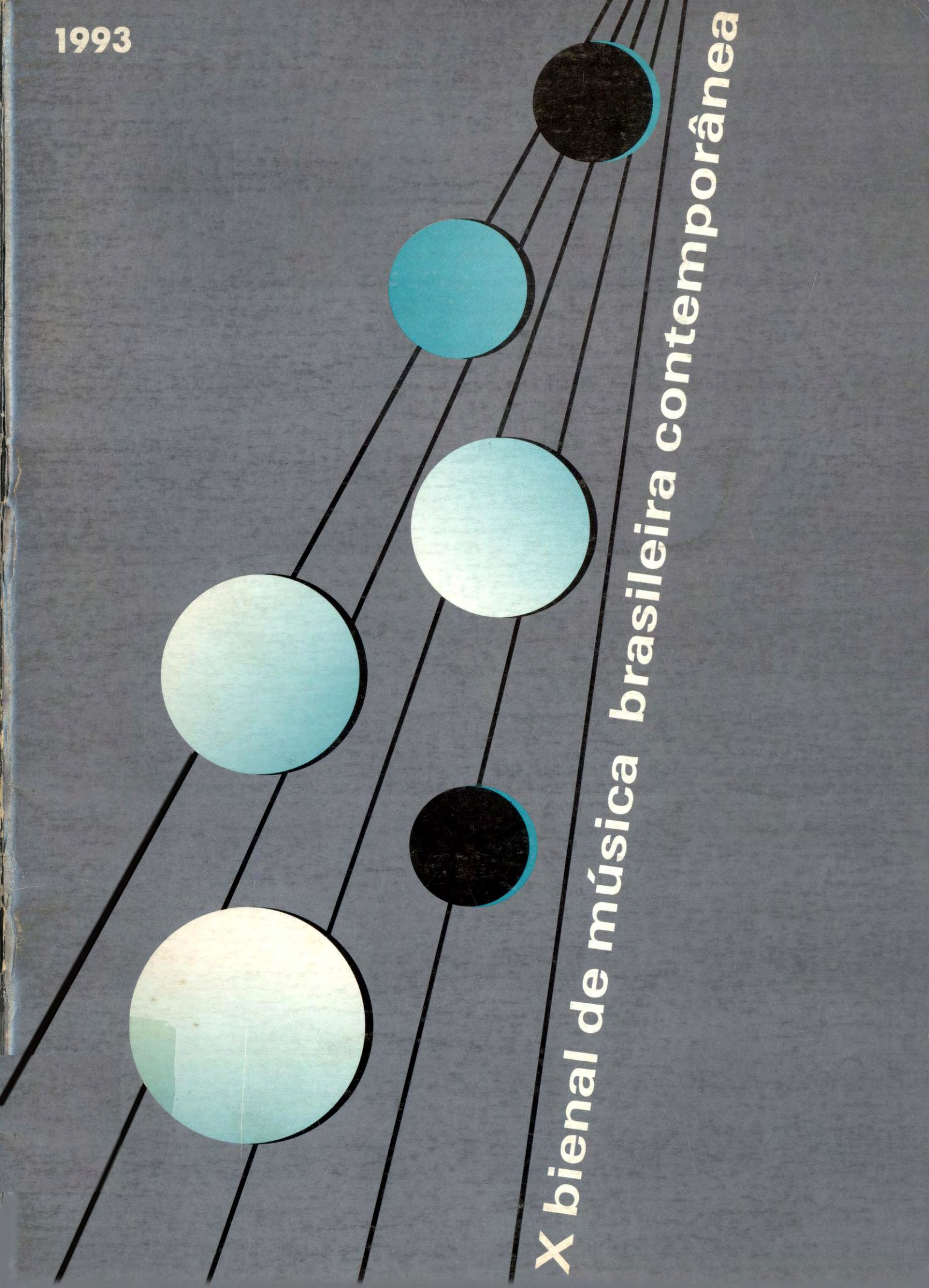


1993

The cover features a dark grey background with a series of five parallel black lines that create a perspective effect, receding towards the top right. Six circles are arranged along these lines, alternating in color between black and a light cyan. The circles are positioned at various points along the lines, creating a rhythmic pattern. The text 'X bienal de música brasileira contemporânea' is written in a white, sans-serif font, following the path of the lines and circles.

X bienal de música brasileira contemporânea

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Itamar Franco

MINISTRO DA CULTURA

José Jerônimo Moscardo de Souza

FUNARTE/IBAC

Presidente

Ferreira Gullar

Diretor do DAC

Cícero Sandroni

Coordenadora de Música

Valéria Ribeiro Peixoto

Assessora de Comunicação

Marlene Custódio

X BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Comissão de Programação

Edino Krieger (coordenador)

Ernani Aguiar

Ricardo Tacuchian

Vania Dantas Leite

Produção

Luiz Rocha

Glória Maria Caetano

Carla Mello

Gustavo Benevides

Luz e contra-regra

Marinaldo Gomes da Cruz

Sonorização

Pro Audio

Divulgação

Maria de Lourdes Lyra Krieger

Ricardo Calazans Matos

Programação visual

Elizabeth Laffayette

Arte final

Rui Pitombo

Texto

Flavio Silva

Padronização de texto

Afonso Henriques Neto

Apoio

Paulo Cesar Pinheiro

Paulo Rezende

Marco Antonio Telles

x bienal de música brasileira contemporânea

MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDO NACIONAL DE CULTURA
FUNARTE/IBAC

Rio de Janeiro
15 a 23 de outubro de 1993

Teatro Municipal
Sala Cecília Meireles
Museu de Arte Moderna
Escola de Música da UFRJ
Automóvel Club do Brasil
Espaço Cultural Sérgio Porto
Palácio Gustavo Capanema

Apoio:

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura

Homenagem

Mário de Andrade (centenário de nascimento)
Camargo Guarnieri (1907-1993)
Breno Blauth (1931-1993)
Ascendino Theodoro Nogueira (80 anos)

Agradecimento

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura
Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro
Sala Cecília Meireles - FUNARJ
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Escola de Música da UFRJ
Automóvel Club do Brasil
Espaço Cultural Sérgio Porto - RIO ARTE
Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo
Universidade Livre de Música de São Paulo
Instituto de Artes da UNESP
Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira
Funds for US Artists at International Exhibitions
Arts International
Universidade de Akron, Ohio, EUA
M.F. do Nascimento Brito
Jornal do Brasil
Rádio Opus 90 FM
Vodka Kovak

Rio de Janeiro
outubro de 1993

Programação

DIA	HORA	LOCAL	PROGRAMA
<u>SEX 15</u>	21h	Teatro Municipal	Orquestra Sinfônica Brasileira pianista Lais de Souza Brasil regente Mário Tavares
<u>SAB 16</u>	17h 18h 19:30h	Museu de Arte Moderna Museu de Arte Moderna Museu de Arte Moderna	Workshop Eletroacústico Lançamento do CD <i>Música nova do Brasil</i> Grupo Novo Horizonte (São Paulo) regente Graham Griffiths
<u>DOM 17</u>	16h 19h 20:30h	Espaço Cultural Sérgio Porto Museu de Arte Moderna Museu de Arte Moderna	Música Eletroacústica Duo Diálogos (percussão) Música Cênica
<u>SEG 18</u>	17h 19h	Automóvel Clube do Brasil Sala Cecília Meireles	Música de Câmara Conjuntos de Câmara
<u>TER 19</u>	17h 19:30h	Automóvel Clube do Brasil Sala Cecília Meireles	Música de Câmara Quinteto Solaris (Ohio, EUA)
<u>QUA 20</u>	17h	Escola de Música da UFRJ	Música de Câmara
<u>QUI 21</u>	17h 21h	Palácio Gustavo Capanema Teatro Municipal	Música de Câmara Grupo de Percussão da UNESP regentes John Boudler, Carlos Stasi
<u>SEX 22</u>	17h 21h	Palácio Gustavo Capanema Teatro Municipal	Música de Câmara Banda Sinfônica do Estado de São Paulo regente Roberto Farias
<u>SAB 23</u>	17h 19:30h	Escola de Música da UFRJ Escola de Música da UFRJ	Bahia Ensemble regente Piero Bastianelli Brasil Consort regente Roberto Duarte

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Sexta-feira, 15 de outubro de 1993 - 21h

CONCERTO DE ABERTURA

I

Ronaldo Miranda *Horizontes* ***
O projeto - A partida
O mar - A espera
O prenúncio - A descoberta

(primeiro prêmio no Concurso América 500 Anos)

Guerra Peixe *Tributo a Portinari* ***
Família de emigrantes
Espantalho
Enterro na rede
Bumba-meu-boi

II

Camargo Guarnieri *Concerto n.º 3 para piano e orquestra*
Alegre deciso
Magoado
Festivo

solista: Lois de Souza Brasil

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA
regente: Mário Tavares

*** estréia mundial

Durante este concerto, o Exmo. Sr. Ministro de Estado da Cultura, José Jerônimo Moscardo de Souza, fará a entrega do Prêmio Nacional da Música a compositor brasileiro vivo pelo conjunto de sua obra. O Prêmio Nacional da Música foi instituído pela Portaria n.º 88/93, do Ministério da Cultura, em obediência ao disposto no art. 33 da Lei n.º 8.313/93. A escolha do vencedor foi feita por colégio de cinquenta músicos indicados pelo Instituto Brasileiro de Arte e Cultura — IBAC.

Apresentação
Paulo César de Resende

Sábado, 16 de outubro de 1993

17h - *WORKSHOP* ELETROACÚSTICO
pelo Grupo Novo Horizonte (São Paulo)

18h - LANÇAMENTO DO CD: *Música nova do Brasil*

19:30h - CONCERTO

I

Rodolfo Coelho de Souza *Chuva oblíqua* *

Silvio Ferraz *Canto de cura* *
(fita magnética e instrumentos)

II

Claudio Santoro *Música de câmara* *
(re-instrumentação por Graham Griffiths)

Flo Menezes *Contexturas: Monteverdi outramente* *
(trompete, duas fitas magnéticas, conjunto instrumental)
solista: Carlos Sulpício

GRUPO NOVO HORIZONTE (SÃO PAULO)
regente: Graham Griffiths

clarinetes: Otinilo Pacheco
saxofones: Vodim Arsky
trompete: Carlos Sulpício
percussão: Fernando Iazzetta
Edson Ganesi
mesa de som: Flo Menezes

* estréia no Rio de Janeiro

ESPAÇO CULTURAL SÉRGIO PORTO
Domingo, 17 de outubro de 1993 - 16h

MÚSICA ELETROACÚSTICA

I

- Sérgio Rojas *Microinfinitos (parte I) ****
George Randolph *Ergo ****
Rodrigo Cichelli *Cimbals: Reminiscências*

II

- Emanuel D. M. Pimenta *Bacterium*
Aquiles Pantaleão *Round MIDInight **
teclado: Tim Rescala
Rodolfo Caesar *Volta Redonda*

*** estréia mundial
* estréia no Rio de Janeiro

MUSEU DE ARTE MODERNA
Domingo, 17 de outubro de 1993 - 19h

PERCUSSÕES

I

- Tato Taborda *Samba do crioulo doido* ***
Livio Tragtenberg *É sempre noite... por isso sentimos tanta necessidade de luz* *
Eduardo Seincman *A dança do dibuk*

II

- Paulo Cesar Chagas *Rumores I* *
Jocy de Oliveira *Interação para atriz, percussão e meios eletrônicos* ***
atriz: Marilena Bibas
sintetizador: Jocy de Oliveira

DUO DIÁLOGOS

Joaquim Abreu - Carlos Tarcha

*** estréia mundial

* estréia na Rio de Janeiro

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO
Domingo, 17 de outubro de 1993 - 20:30h

MÚSICA CÊNICA

I

Luiz Carlos Cseko *Azul escuro*
Duo Passos-Hamel
clarinete: Paulo Passos
piano: Niels Hamel

Tim Rescala *Bossa nova* ***
piano: Vania Dantas Leite
violão: Márcia Taborda
bateria: Oscar Bolão
contrabaixo: Ronaldo Diamante

Marcelo Conduru *Varèsiana* ***
percussões: Marcelo Conduru, Renato Godoy, Paulo Vivacqua, Paulo Pugiali
atores: Julia Nassif, João Vicente Ganzarolli, Mário Junior

II

Vania Dantas Leite *Tango* **
violoncelo: David Chew
atriz: Stella Miranda

Madalena Bernardes *Dhrassis* (espetáculo de voz, movimento e luz) *
direção, interpretação: Madalena Bernardes
desenho de luz: Michele Matalon
direção de luz: Lucía Serpa
figurino: Glória Coelho

*** estréia mundial
** estréia no Brasil
* estréia no Rio de Janeiro

AUTOMÓVEL CLUB DO BRASIL - SALÃO NOBRE
Segunda-feira, 18 de outubro de 1993 - 17h

I

Ascendino T. Nogueira *Quarteto de cordas n.º 5****
Bem ritmado
Lento espressivo
Ligeiro - Vagaroso - Ligeiro

violinos: Daniel Passuni
Mouro Rufino
viola: Débora Cheyne Prates
violoncelo: Paulo Santoro

Carlos Cruz *Sopros e Invenções ****
flauta: Carlos A. Rodrigues
oboé: José F. Gonçalves
clarinete: José de Freitas
fagote: Aloysio Fagerlande

Neder José Nassaro *Quadros ****
flauta: Carlos A. Rodrigues
oboé: José F. Gonçalves
clarinete: José de Freitas
fagote: Aloysio Fagerlande

II

Pauxi Nunes *Trio náutico ****
flauta: Pauxi Nunes
violoncelo: David Chew
violão: Nicolas de Souza Barros

Elaine Thomazi Freitas *Música para voz, marimba, violoncelo*
voz: Cristina Passos
marimba: Luiz da Anunciação
violoncelo: Hugo Pilser

Guilherme Bauer *Sugestões de inúbias*
flautas: Alexandre Eisenberg, Pauxi Nunes

Guilherme Alencar Pinto *Fluxo*
flauta: Pauxi Nunes
oboé: Harold Emert
violoncelo: Hugo Pilser

*** estréia mundial

SALA CECILIA MEIRELES
Segunda-feira, 18 de outubro de 1993 - 19:30h

I

Jorge Antunes *Amerika 500* **
As pirogas não vão muito longe
O encobrimento
Curiós, patativas, xexéus e o guaraná
As máquinas que fazem máquinas
Em busca dos nossos jaburus

flautim, flautas: Paulo Guimarães
clarinete: Eduardo Morelenbaum
trombane: Sérgio de Jesus
viola: Jadenir Lacoste
violoncelo: Ricardo Santoro
piano: Maria Tereza Madeira
percussão: Luis da Anunciação

regente: o autor

Ricardo Tacuchian *Rio/L.A.* *
trompete: Nelson Oliveira
trompa: Antonio Augusto
trombone: Sérgio de Jesus
tuba: Carlos Vega
corne inglês: Lia Gandelman
piano: Maria Tereza Madeira
baixo elétrico: Ricardo Cândido
percussões: Luiz Anunciação
Rodolfo Cardoso

regente: o autor

II

Marisa Rezende *Adiamento*
soprano: Lucila Tragtenberg
barítonos: Ronaldo Victorio
Marcelo Coutinho
flauta: Pauxi Nunes
oboé: Leonardo Fuchs
clarinete: André Goes
fagote: Aloysio Fagerlande
trompa: Antonio Augusto
violino: Alexandre Schubert
piano: Flavia Vieira
percussão: Karla Bach
Rodolfo Cardoso
solista: José Stanek

regente: Roberto Victorio

H.-J. Koellreutter *Dharma* ***
oboé: Leonardo Fuchs
clarinete: Paulo Moura
fagote: Aloysio Fagerlande
trompa: Antônio Augusto
violão: Márcio Tinoco
viola: Débora Cheyne Prates
violoncelo: Ricardo Santoro
teclado: Tim Rescala

regente: o autor

*** estréia mundial
** estréia no Brasil
* estréia no Rio de Janeiro

AUTOMÓVEL CLUB DO BRASIL - SALÃO NOBRE
Terça-feira, 19 de outubro de 1993 - 17h

I

- Nestor de H. Cavalcanti *Canções populares, quase eruditas*
fogote: Noel Devos
violão: Márcia Taborda
- Estércio Marquez Cunha *Variações para quatro clarinetes **
clarinetes: André Goes, Fernando José da Silveira,
Daniel Máximo, Cristiano Neves
- Cirlei de Holanda *Amar*
solista: Paulo Sérgio Santos

II

- José Alberto Kaplan *Quinteto para metais **
Allegro
Cabocolinhos
Condomblé
trompetes: Paulo Roberto Mendonça
Nelson Oliveira
trompa: Ismael de Oliveira
trombone: Sérgio de Jesus
tuba: Carlos Vega
- Roberto Victorio *Archaeus ****
Grupo Metal Transformação
trompetes: Paulo Roberto Mendonça
Jessé Sadoc Nascimento
Nelson Oliveira
Flávio Ferreira de Melo
trompas: Philip Doyle
Antonio Augusto
Ismael de Oliveira
Francisco de Assis
trombones: Sérgio de Jesus
Marco della Favera
Dalmário de Oliveira
Gilberto Conceição
tuba: Carlos Vega
regente: Zdenek Svob

*** estréia mundial

* estréia na Rio de Janeiro

SALA CECILIA MEIRELES
Terça-feira, 19 de outubro de 1993 - 19:30h

I

José Vieira Brandão *Divertimento n.º 1*
Allegro moderato
Andante sostenuto
Allegro con moto

João Guilherme Ripper *Visões da ausência* ***
Yohanan
Louvores para Sua vinda
Lamentações
(obra comissionada pelo Quinteto Solaris para a
X Bienal de Música Brasileira Contemporânea)

II

Arthur Bosmans *Impressão nórdica*

Oswaldo Lacerda *Quinteto de sopros*
Moderadamente
Andante
Quasi recitativo, um pouco à vontade
Vivo

Raphael Baptista *Instantâneos folclóricos*
Marcha em volta da mesa
Bagunça com o gato
Tema, valsinha e chorinho
Enxotando gavião no quintal

QUINTETO SOLARIS

flauta: George Pope
clarinete: David Bell
oboé: James Ryon
fagote: Georgia Peeples
trompa: William Hoyt

*** estréia mundial

O Quinteto Solaris é residente na Universidade de Akron, Akron, Ohio, EUA. Sua participação na X Bienal foi patrocinada por essa Universidade e pelo Fund for U.S. Artists at International Exhibitions, sociedade pública-privada constituída pelo National Endowment for the Arts, pelo United States Information Agency, por The Rockefeller Foundation e por The Pew Charitable Trusts, com assistência administrativa de Arts International. O *Quinteto Solaris* convida participantes e público da X Bienal para o *CONCERTO DE MÚSICA NORTE-AMERICANA CONTEMPORÂNEA* que dará amanhã, dia 20, às 19h, no Salão Leopoldo Miguez, Escola de Música da UFRJ. Entrada franca.

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ - SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ
Quarta-feira, 20 de outubro de 1993 - 17h

I

- Celso Loureiro Chaves *Portais e a abside*
violão: James Corrêa
- James Corrêa *O êxodo do enamorado*
violão: James Corrêa
- Guilherme Hermolin *Pela fresta **
soprano: Mariana Leporace
violão: Nelson Caiado
- Carlos Almada *Gi(n)ga ****
conjunto: Nó em Pingo d'Água
flauta, sax: Mário Sève
bandolim: Rodrigo Lessa
violão: Rogério Silva
baixo: Papito
percussão: Celsinho

II

- Eduardo Guimarães Álvares *A decadência da tuba**
Prólogo
Adagio tumultuoso
Dueto
Il accordo doloroso
O tam-tam oculto (cena do crime)
Ave Moria das oitavas
Melodrama lírico
Tristan-go

soprano: Sílvia Klein
piano: Jussara Fernandino
tuba: Juliano Ambrósio
tam-tam: Eduardo Campos

direção: Eduardo Guimarães Álvares
- Rufo Herrera *Suíte urbana **
Divagações sob um luar de agosto
Cidade nua
Rito noturno
Encontros - Retornos
Tocata del alba

bandoneon: Rufo Herrera
viola, violoncelo: Antônio Pompeu
vibrafone: Eduardo Campos
violão: Clayton Daunis
contrabaixo: Fernando Cesar Santos

*** estréia mundial

* estréia no Rio de Janeiro

PALÁCIO GUSTAVO CAPANEMA - AUDITÓRIO
Quinta-feira, 21 de outubro de 1993 - 17h

I

- Heitor Alimonda *Intenções (Fantasia e Coda)*
violino: Ricardo Amado
trompa: Zdenek Svab
piano: Heitor Alimonda
- Brenno Blauth *Trio Sonatina*
oboé: Luis Carlos Justi
trompa: Zdenek Svab
piano: Lília Justi
- Eli-Eri Moura *In somnis**
mezzo: Cristina Passos
trompa: Antonio Augusto
piano: Maria Tereza Madeira
- Ilza Nogueira *Ode aos jamais iluminados****
recitante: Eladio Perez
tenor: Ronaldo Victorio
piano: Maria Tereza Madeira
violinos: Mauro Rufino
Daniel Passuni
viola: Débora Cheyne Prates
violoncelo: Paulo Santoro
regente: Roberto Victorio

II

- Roseane Yampolschi *Ciclos*
violoncelo: David Chew
piano: Heitor Alimonda
- Arthur Kampela *Layers for a transparent orgasm***
trompa: Graziela Bortz
- Kilza Setti *Ore ru ñamandu ete tenondeguá****
(Preces Mbyá-Guarani)
mezzo: Cristino Passos
flauta: Andrea Ernest Dias
piano: Maria Tereza Madeira
percussão: Lino Hoffmann
- Maria Helena Rosas Fernandes *Brasil 92****
mezzo: Cristina Passos
flauta: Andréa Ernest Dias
clarinete: Lucia Morelenbaum
piano: Maria Tereza Madeira
tímpano: Roberto Cardoso
percussões: Lino Hoffmann
Pedro Paiva
regente: Roberto Victorio

*** estréia mundial

** estréia no Brasil

* estréia no Rio de Janeiro

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO
Quinta-feira, 21 de outubro de 1993 - 21h

I

Almeida Prado	<i>Lettre de Jérusalem</i> soprano: Martha Herr
Edson Zampronha	<i>Toccata n.º 2</i> **
Edmundo Villani Cortes	<i>Raízes</i> *
Miguel Pragner Coelho	<i>Ritmos</i> *
Edson Gianesi	<i>Estudo n.º 1</i> ***

II

Dalga Larrondo	<i>Em - Forma</i> ***
----------------	-----------------------

GRUPO DE PERCUSSÃO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP
regentes: John Boudler - Carlos Stasi

integrantes:

Alexandre Biondi
Daniel Lemos
Edilson Medrado
Fernando Rocha
Marcel Cangiani
Maria Oliveira
Ricardo Aquino
Ronaldo Palleze
Valéria Zeidan

convidados:

Cláudio Tegg, piano
Dalga Larrondo (direção de sua obra)
Martha Herr, soprano
Valéria Franco (preparação corporal da obra de Dalga Larrondo)
Valéria Albright, contrabaixo

- *** estréia mundial
- ** estréia na Brasil
- * estréia na Rio de Janeiro

PALÁCIO GUSTAVO CAPANEMA - AUDITÓRIO
Sexta-feira, 22 de outubro de 1993 - 17h

I

- Antonio Guerreiro *Suíte n.º 2* ***
piano: Ruth Serrão
- Tereza Fagundes *Móviles* ***
Allegro deciso
Andante
Allegro con fuoco
violino: Daniel Passuni
piano: Nívia Queiroz
- Murillo Santos *Dança* ***
piano: Katia Balloussier
violino: Ubiratan Rodrigues
trompa: Philip Doyle

II

- Gilberto Mendes *Estudo magno* *
piano: José Edirardo Martins
- Alceo Bocchino *Divertimento curitiboca* ***
clarinete: José Botelho
piano: Linda Bustani
bateria: Guilherme Strutt
- Antonio Jardim *Contoada*
Voz E Cia.
regente: Julio Moretzsohn

*** estréia mundial
* estréia no Rio de Janeiro

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Sexta-feira, 22 de outubro de 1993 - 21h

I

Daniel Havens *Harpia* (poema ecológico) *
regente: Daniel Havens

Mário Ficarelli *Sinfonia para instrumentos de sopro* *

Lelo Nazário *Limite* (para banda sinfônica, teclado/sons eletrônicas, percussão) *
sons eletrônicos: Lelo Nazário
percussão: Zé Eduardo Nazário

II

Harry Crowl Jr. *Sinfonia* *
Molto lento, quase estático - Enérgico
Noturno: Lento moderato - Allegro non molto
Moderato - Vivace
Muito lento
Allegro vivace
Lento moderato
Lento maestoso - Allegro - Andante - Andante con moto -
Allegro vivace - Lento maestoso

BANDA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

regente: Roberto Farias

* estréia no Rio de Janeiro

Agradecimentos ao Instituto de Artes da UNEST
pela cessão do instrumental de percussão

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ - SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ
Sábado, 23 de outubro de 1993 - 17h

I

Agnaldo Ribeiro *Tela sem moldura* (Actus 1, op. 54) ***

Alda Oliveira *Saci-pererê* (Bahionas II) ***

Alfredo Barros *Música para conjunto de câmara* *

Fernando Cerqueira *Híbrido concerto* ***

Tematismo
Cismas
Responsoriais

II

Paulo Costa Lima *Atotô do l'homme armé* ***

Pedro Augusto Dias *Três lamentações* *

Wellington Gomes *Embriões metálicos* *

BAHIA ENSEMBLE

regente: Piero Bastianelli

flautim, flauta: Antonio Carlos P. da Silva

flauta: Elena Rodrigues dos Santos

oboé: Gustavo Seal de Carvalho

clarinete: Pedro Robatto

fagote: Claudia Ribeiro Sales

trompa: Luiz Cardoso Faskomy

trompete: Heinz Karl N. Schwebel

piano: Francisco de Paula Gondim

percussão: Oscar Mauchle

violinos: Teodoro Ribeiro Salles

Ana Margarida Cerqueira Lima

viola: Wellington Gomes do Silva

violoncelo: Christian Khop

contrabaixa: Juracy Cardoso

*** estréia mundial

* estréia no Rio de Janeiro

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ - SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ
Sábado, 23 de outubro de 1993 - 19:30h

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

I

Henrique David Korenchender *Sinfonietta* ***
Variazioni
Intermezzo
Finale (rondó)

Emilio Terraza *Tango, para piano, oboé e cordas* *
piano: Marcelo Verzoni
oboé: Adauto Vilarinho

II

Silvia de Lucca *Cordas vocais*

Ernani Aguiar *Danças, para barítono e cordas* ***
texto: Mário de Andrade
solista: Inácio de Nono

Sérgio Vasconcelos Corrêa *Concerto do agreste* (para violão e orquestra)
Deciso
Lento em calmaria
Tocata (impetuoso)
solista: Ângela Muner

BRASIL CONSORT
regente: **Roberto Duarte**

*** estréia mundial

* estréia no Rio de Janeiro

AGNALDO RIBEIRO (Jequié, BA, 1943), membro do Grupo de Compositores da Bahia, é professor na UFBA de cuja Escola de Música é vice-diretor. Em 1979 recebeu menção honrosa no Concurso Latino-americano Agrupación Beethoven, em Santiago do Chile e representou o Brasil no World Music Days, realizado em Atenas pela Sociedade Internacional de Música Contemporânea; tem ainda diversos prêmios em concursos nacionais e internacionais de composição.

Tela sem moldura (Actus 1, op. 54) (1991), num só movimento, é um trabalho simples de caráter didático onde fica claro o jogo timbrístico dos instrumentos. Motivos e/ou seções são repetidos com mudanças de parte do instrumental com ampliações, reduções, imitações e variações.

ALCEO BOCCHINO (Curitiba, PR, 1918), pianista de largos recursos e com notória especialização em música de câmara, é um de nossos mais destacados regentes, com várias atuações frente a orquestras européias e dos EUA. Sua larga folha de serviços prestados à divulgação da música brasileira inclui várias estréias mundiais. Organizador da vida musical, é um dos fundadores da Orquestra Sinfônica Nacional e da Orquestra Sinfônica do Paraná; atuou também como diretor musical de emissoras de rádio. É também professor e compositor.

Divertimento curitiboca (1993), composto por solicitação do oboísta Alexandre Klein, é segunda versão bastante ampliada de obra anterior e pode ser apresentada tanto por oboé como por clarinete em dó. Baseia-se em duas células do tempo lento da *Sinfonia n.º 3* de Brahms. No original para orquestra, a percussão ampliada caracteriza o chorinho, a toada urbana, o samba-canção, a seresta e o batuque. O título é uma referência ao próprio compositor, "curitibano e carioca honorário".

ALDA OLIVEIRA (Salvador, BA, 1945), membro do Grupo de Compositores da Bahia, é graduada pela UFBA, fez mestrado na Universidade Tufts (Medford, Boston) e doutorado em Austin, na Universidade do Texas. Detentora de prêmios nacionais e internacionais, co-fundadora da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, é diretora da Escola de Música da UFBA.

Saci-pererê (1981) é obra serial que usa a forma das palavras do título como base para a sua estrutura. Integra a série Bahianas II.

ALFREDO BARROS (Terezinho, PE, 1966), é membro do Grupo de Compositores da Bahia e cursa o último semestre de composição na UFBA. Tem obras premiadas na XIX e na XX Apresentação de Compositores da Bahia (primeiro lugar, 1988; segundo lugar, 1989), no Concurso Nacional Psychopharmacol da Escola Paulista de Medicina (primeiro lugar, 1990), no V Concurso Nacional de Composição (terceiro lugar, 1991), no Concurso Nacional de Composição América 500 Anos (menção honrosa, 1992).

Música para conjunto de câmara, op. 7 (1992) "é composta de maneira livre, com motivos seriais e conjuntos de notas agrupados sugerindo um certo ambiente harmônico. É dividida em duas grandes partes (...). Sua instrumentação é muito límpida em alguns pontos e um tanto quanto densa em outros, apoiando as idéias contrastantes que aparecem no decorrer da peça."

ALMEIDA PRADO (Santos, SP, 1943), estudos com Dinorah de Carvalho, Camargo Guarnieri, Osvaldo Lacerda, e em Paris com Nadia Boulanger e Olivier Messiaen. Entre outros prêmios, destacam-se o primeiro lugar no I Festival de Música na Guanabara, o Prêmio Lili Boulanger (duas vezes), o do Concurso Ars Nova, o da Associação Paulista de Críticos de Arte, o Prêmio Esso de Música Erudita. É professor de composição na UNICAMP, de cujo Departamento de Música foi diretor.

Desse compositor a X Bienal apresenta *Lettre de Jérusalem* (1973).

ANTÔNIO GUERREIRO (Rio de Janeiro, RJ, 1949), licenciado em música pela FEFIERJ, cursos de aperfeiçoamento na EM/UFRJ e em harmonia e composição com Helio Sena e Guerra-Peixe. É professor na UNI-RIO. Participou do Panorama da Música Brasileira na EM/UFRJ e tem obras editadas pela Vitale. Faz música incidental para teatro e atua como pianista e arranjador em gravações de música comercial. Menção honrosa no 1 Concurso Mineiro de Música Coral (1991) com *Tutu-Marambá*.

A Suíte n.º 2 (1993) traz, no primeiro movimento, sugestões calcadas nos *walking basses* dos trios de jazz; no segundo, evocações do estilo seresteiro urbano; no terceiro, aproveitamento de tema folclórico de reza de defunto; no quarto, aproveitamentos de sugestões rítmico-melódicas do folclore brasileiro.

ANTÔNIO JARDIM (Rio de Janeiro, RJ, 1953), estudos com Esther Scliar, Guerra-Peixe, Koellreutter, graduação na UFRJ, cursos em musicologia, etnomusicologia, educação musical, mestrado no Conservatório Brasileiro de Música. Premiado nos 1 e 2 Concurso de Composição Musical da Escola de Música da UFRJ, foi membro do júri do Prêmio de Musicologia Casa das Américas, Havana (1986). É professor de música na UFRJ, onde faz doutorado em poética.

Em *Contoada* (1975/93), o desdobramento melódico da primeira parte dá-se por variações a partir de célula que aparece com a palavra 'luarou'. Na segunda parte a textura é isorrítmica, e aparece um pedal de lá alternando entre baixos e tenores. A harmonia é estruturada sobre acordes perfeitos interrelacionados a centro tonal em lá, ainda que a estruturação harmônica seja quase sempre politonal. A variação cromática é fator de desenvolvimento constante.

AQUILES PANTALEÃO (São Paulo, SP, 1965), estudos de violão com Manoel Décio Estigarribia e Nélio Rodrigues, composição e análise com Marlene Fernandes, música eletroacústica com Rodolfo Caesar. Em cursos de férias foi aluno de Jorge Peixinho e Oscar Bazán. Integrou o grupo experimental Expele Metal e desde 1987 dedica-se à música eletroacústica no Estúdio da Glória, apresentando-se regularmente em eventos correlatos. Também compõe para teatro, cinema, vídeo.

Round MIDInight (1993) é uma homenagem a Thelonious Monk, construída a partir de tema desse músico, tema esse constantemente perseguido por seu estranho e indeciso *alter ego*, submetido a inúmeras variações mas também apresentado em sua forma original. De caráter cênico, a obra é dedicada a Tim Rescala, que lhe sugeriu o título.

ARTHUR BOSMANS (Bruxelas, Bélgica, 1908 - Belo Horizonte, MG, 1991), ainda na Europa conquistou em 1933 o Prêmio Cesar Franck para obra sinfônica. Fixando-se no Brasil em 1941, atuou no Rio de Janeiro até transferir-se em 1945 para Belo Horizonte, onde organizou e dirigiu orquestras e foi professor da UFMG. Influenciado inicialmente por Ravel e Gershwin, chegou a uma linguagem própria, que já foi designada de 'cosmopolita'.

Desse compositor a X Bienal apresenta *Impressão nórdica* (1975).

ARTHUR KAMPELA (Rio de Janeiro, RJ, 1960), estudos musicais no Brasil com Ricardo Tacuchian, H. D. Korenchender e H.-J. Koellreutter. Atualmente cursa o doutorado em composição na Columbia University, Nova York.

Layers for a transparent orgasm (1990-91) tem "título de fundo programático e refere-se alegoricamente aos primórdios da vida no planeta". Dedicada à intérprete, "trabalha técnicas de manipulação no intuito de estabelecer uma conexão entre resultado auditivo e modos específicos de articulação. O material assim processado atua como um *continuum* onde elementos de diferentes pesos e expressividades (...) fundem-se continua e irregularmente."

ASCENDINO THEODORO NOGUEIRA (Santa Rita de Passa Quatro, SP, 1913), formado na escola das serestas e choros, autodidata, teve algumas de suas primeiras obras apresentadas por Souza Lima. Estudou violino com Torquato Amore e recebeu aulas de composição de Camargo Guarnieri. Autor da primeira missa cantada em português, compôs para a viola caipira várias obras em solo e um concertino com orquestra, elevando esse instrumento ao plano erudito. Autor do livro *A música da fala*, apresentado em várias universidades brasileiras.

Desse compositor a X Bienal apresenta o *Quarteto de cordas n.º 5* (1993).

BRENNO BLAUTH (Porto Alegre, RS, 1931 - São Paulo, SP, 1993), estudos musicais iniciados em Porto Alegre e continuados no Rio de Janeiro com Newton Pádua e Paulo Silva. Fundou em 1962 o Movimento Musical Renovador para divulgação de música brasileira nova e pouco conhecida. A partir de 1963 passou a residir em São Paulo. Detentor de vários prêmios de composição, é autor de cerca de uma centena de obras.

Desse compositor a X Bienal apresenta o *Trio sonatina*.

CAMARGO GUARNIERI (Tietê, SP, 1907 - São Paulo, SP, 1993), "como ser humano e como artista, mostrou-se definido desde logo. Cresceu como a palmeira, retilínea, sem ramificações, alta, isolada, haurindo diretamente no solo, e não nos contatos de frondes como nas árvores das florestas, a significação estética da sua criatividade.

Para ele o Brasil não é um descritível ou um representável, mas um sensível, um objeto excitador da emotividade. Para ele, o Brasil é emoção." (João Caldeira Filho).

O *Concerto n.º 3 para piano e orquestra* (1964) é "obra que expressa o vigor. Vigor das cadências poderosas, que crescem do forte para os fortíssimo, às vezes registrados *fff*. Vigor da escrita em acordes redobrados de caráter percutido. Vigor da uniformidade rítmica, sujeita às incessantes mudanças de compassos e de acentos (primeiro tema do primeiro movimento), a regularidade na irregularidade — traço marcante do autor. Vigor emocional na cadência ao piano do segundo movimento. Vigor, enfim, na integridade e absoluta individualidade dos temas, no cabal aproveitamento do que cada um tem a dizer, na força interior de suas mensagens, que vivem também a tristeza, do lamento à auto-afirmação (segundo tema do primeiro movimento) e nascem da sentimentalidade brasileira (primeiro tema do segundo movimento). Mas o humor, cheio de picardia, também está presente no terceiro tema do primeiro movimento". (texto extraído de estudo de Lais de Souza Brasil).

CARLOS CRUZ (Vitória, ES, 1936), estudos musicais com Hans Graff, Esther Scliar, Roberto Schnorrenberg e, a partir de 1970, com Guerra-Peixe. Primeiro lugar no concurso para o Hino Oficial de Vitória (1979) e no I Festival de Música Capixaba com a *Sonatina n.º 1*. Professor de piano e compositor, inclusive de obras didáticas, ocupa cargos de direção e supervisão musical em emissoras de rádio e televisão e tem várias obras editadas e gravadas.

Sopros e invenções (1993) caracteriza-se pela utilização ampla da invenção, cultivada por mestres do séc. XVIII com fins didáticos e estilísticos. Cada movimento da obra introduz um novo instrumento; a flauta funciona como elemento de ligação.

CARLOS DE LEMOS ALMADA (Paraiíba do Sul, RJ, 1958), estudos com Sérgio Benvenuto, Blás Rivera e Nelson de Macedo. Orquestrador de música popular, conquistou menção honrosa no I Concurso de Composição da UFMG (1989) e 3 lugar no Concurso Nacional de Composição "América 500 Anos" da UFRJ (1992). Participou dos Panoramas da Música Brasileira Atual em 1989 e 1990. É professor de arranjo, contraponto e percepção musical.

Gin(g)a (1992) foi composta após análise da giga do *Septeto* de Stravinsky. Combina características da giga barroca (andamento rápido, tratamento contrapontístico, tema invertido na segunda metade da peça) e do choro (figurações rítmicas de motivos e acompanhamento, três partes contrastantes em rondó). O material melódico-harmônico é derivado de série de seis notas ordenadas pela altura. As 24 combinações diferentes para a série (12 originais, 12 invertidas) formam um sistema com um centro ao redor do qual gravitam 'regiões' próximas ou não, onde a proximidade é ditada pela quantidade de notas comuns com a série 'tônica'.

CELSO LOUREIRO CHAVES (Porto Alegre, RS, 1950), doutor em composição pela Universidade de Illinois, atua na UFRS como professor de composição e história da música do Instituto de Artes e orientador do curso de pós-graduação. Presidiu a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM). Em janeiro passado sua obra *Gesprach über Baume* foi estreada em Boston.

Portais e a abside (1992), serial, dedicada a James Corrêa, tem plano arquitetônico análogo à miragem de monumento saído das páginas de Lovecraft. Suas nove seções correspondem aos pórticos de entrada e saída do monumento, às colunatas que levam a seu centro, à abside e a seus pequenos pórticos de entrada e saída, e a um pequeno pórtico de saída que devolve o ouvinte à luz do dia.

CIRLEI MOREIRA DE HOLLANDA (Rio de Janeiro, RJ, 1948): sua dissertação de mestrado "Música e literatura no processo de consolidação da ópera brasileira" reflete as duas vertentes de sua formação acadêmica na UFRJ: música e letras. Vencedora, na categoria 'música sinfônica', do concurso de composição para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea com a cantata *Isso é aquilo* — *palavra*, texto de Carlos Drummond de Andrade. Sua obra privilegia a voz: *Topologia do medo* (texto: Haroldo de Campos), *Suite da arca de Noé* (coro infantil; texto: Vinícius de Moraes), *Judas em Sábado de Aleluia* (ópera sobre texto de Martins Pena).

Amar (1989) foi composta por sugestão de Paulo Sérgio Santos, que fez sua estréia em 1991 no XIII Panorama de Música Brasileira Atual, da Escola de Música da UFRJ. "A peça se desenvolve como uma fantasia e, através do lirismo e do despojamento de sua linha melódica, procura captar a plasticidade sonora e o clima intimista peculiares ao próprio instrumento, de timbre sensual e aveludado."

CLAUDIO SANTORO (Manaus, AM, 1919 - Brasília, DF, 1989), após atravessar diferentes estéticas composicionais, Santoro realizou uma fusão muito pessoal de sua vida artística que o levou a uma revalorização de princípios aparentemente superados. Como lembrou o crítico Claves Filho, sua *Sinfonia n.º 11* (1984) tem uma atmosfera brahmsiana.

Música de câmara (1944), foi reorquestrada no ano em curso por Graham Griffiths.

DALGA LARRONDO (São Paulo, SP, 1957), estudos de piano e percussão em São Paulo e no Rio de Janeiro continuados no Conservatório de Rueil-Malmaison, França, e de composição com Lindemberg Cardoso e Almeida Prado. No exterior integrou grupos voltados inclusive para a pesquisa em música tradicional e contemporânea. Com Milton Nascimento compôs e dirigiu em 1989 a música cênica para "*O país dos elefantes*"; foi professor no Departamento de Artes Corporais da UNICAMP. Em 1982 foi um dos vencedores do 1 Concurso Firestone de Música Criativa (Londrina, PR). Coordena o Núcleo Campinas de Música, Teatro e Dança e atua como compositor e intérprete nos grupos Arrigo Barnabé Quinteto, Mistura Fina, Núcleo Talea de Música Antiga, Grupo Anima.

Em-Forma (1993) inclui "ginástica, ritmos, movimentos e percussão. Um concerto dentro de uma concepção plástica (...) um estudo de como integrar movimentos, que nos deixa *em-forma*, com a possibilidade de um resultado sonoro".

DANIEL HAVENS (EUA, 1946), estudou na Julliard School em Nova York e integrou a Orquestra da Rádio Sueddeutscher (Alemanha), a Denver Symphony (EUA) e a Orquestra Filarmônica de São Paulo. Desenvolveu intensa atividade como compositor e arranjador, em especial no repertório do conjunto Decâmera, que fundou em 1979; com outros colegas, fundou em 1986 o Metal Brasil, no qual exerceu cargos de direção. Em 1987 encerrou sua carreira de trompista para dedicar-se apenas à composição.

Harpia (1992) é uma variedade de águia brasileira, em extinção. A obra foi composta com vistas à ecologia universal. "Tudo se deu a partir de uma semente - uma simples e solitária melodia que não é nada mais que um pensamento. A idéia se divide em duas partes, cada uma perseguindo a outra. Elas nos levam para a alturas e a profundezas, onde acordamos sobre um oceano verde cuja expansão nos leva a todos os horizontes. Somos tão somente consciência pairando gentilmente sobre a vastidão das florestas, escutando seu profundo movimento sonoro juntamente com uma variedade de outros sons. A harpia entra no cenário com um grito chocante, (...) apelo derradeiro para que a espécie humana respeite a si própria e a todas as formas de vida. Agora nossa consciência se junta à harpia, enquanto ela nos leva para a sua aventura aérea."

EDMUNDO VILLANI CORTES (Juiz de Fora, MG, 1930), estudos no Conservatório Brasileiro de Música continuados a partir de 1958 com Camargo Guarnieri e José Villalobos; mestrado em composição na UFRJ sob orientação de Henrique Morelenbaum. Venceu concurso de composição do Instituto Goethe para obra a ser executada pelo Noneto de Munique em 1978, a Feira Livre da MPB promovida pela TV Cultura de São Paulo (1981); primeiro lugar na categoria violão e segundo lugar na categoria piano no Concurso Nacional de Composição da Editora Cultural Musical (São Paulo, 1986). Foi professor na Escola Paulista de Artes e lecionou contraponto e composição na UNESP.

Raízes (1991) usa motivos melódico-rítmicos ligados às raízes musicais do Brasil. É dedicada à contrabaixista Sonia Ray e à percussionista Valéria Zeidan.

EDSON GIANESI (São Paulo, SP, 1967), graduado em percussão pela UNESP, foi membro do grupo PIAP de percussão, o que lhe valeu uma grande experiência em todo o país com o repertório camerístico. Como regente, fez várias estréias de obras atuais. Integra o Grupo Novo Horizonte de música contemporânea, cujo trabalho se caracteriza pelo estímulo ao compositor brasileiro.

Estudo n.º 1 (1991) é "obra onde o trabalho em torno da instrumentação e da estrutura rítmica irregular foram os fatores mais importantes no processo de seu desenvolvimento".

EDSON ZAMPRONHA (Rio de Janeiro, RJ, 1963), graduou-se em música pela UNESP e defendeu tese de mestrado em composição musical pela UFRJ em 1991. É professor de composição e harmonia no Instituto de Artes da UNESP.

Toccata II (1993) "consiste em três estruturas dinâmicas e interconectadas. A primeira, de característica fragmentada, dirige-se a uma maior linearidade presente na segunda, a qual, por sua vez, encaminha-se à regularidade da terceira. (...) O regular, no seu término, torna-se novamente fragmentário, constituindo então um todo coeso que apresenta sua unidade através de três estruturas aparentemente distintas".

EDUARDO GUIMARÃES ÁLVARES (Uberlândia, MG, 1959), graduado em composição na USP, foi aluno de Gilberto Mendes. Classificou-se no Concurso Nacional de Composição para a VI Bienal (1985) com obra também classificada na III Trimalca da Unesco. Outros prêmios: III Concorrência Fiat (1990), com obra baseada em conto de Guimarães Rosa; melhor trilha sonora para peça de Nelson Rodrigues (1991); Prêmio Gold Amadeus (Saarbrücken, Alemanha). Idealizou e promoveu o 1 Festival Intermídia (espaço para trabalhos experimentais), coordena o Ciclo de Música Contemporânea de Belo Horizonte e é superintendente de programação cultural da Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte.

A decadência da tuba (restolhos e lugares comuns do romantismo) (1992-93) é um passeio musical pelo séc. XIX, que (re)visita os lugares comuns do romantismo, seus clichês, arroubos, exclamações. O texto é uma colagem de fragmentos de libretos de ópera e de reinvenções literárias.

EDUARDO SEINCMAN (São Paulo, SP, 1955), estudos com Olivier Toni, Willy Corrêa de Oliveira e Gilberto Mendes, entre outros. Tese de doutorado na ECA/USP: "Do tempo musical", a ser editada em breve pela Editora Perspectiva. Além de compositor e professor, dedica-se também à pesquisa, com estudos, livros e artigos publicados.

A dança do dibuk (1990) baseia-se na peça de teatro da literatura judaica *O dibuk*, de Ans-Ki: impedido pelo pai de Léa de com ela casar-se, Hana morre e torna-se um *dibuk* (espírito mau), que incorpora em Léa. Uma aura mística envolve a peça teatral em cujo início aparece o canto: "Por que, por que / no cimo das alturas / caiu a alma / no mais profundo dos abismos? / A queda, em si mesma / contém a ressurreição..."

ELAINE THOMAZI FREITAS (Caxias do Sul, RS, 1970), cursa o 11º semestre de bacharelado em composição na UFRS, sob a orientação de Celso Loureiro Chaves.

Música para voz, marimba e violoncelo (1993) baseia-se em sistema livre de 12 sons que busca intervalos harmônicos de 2, 7 e 5 e evita os de 4. A utilização de síncopes, compassos alternados e variações de andamento contribui para anular a sensação de tempo forte e dar certa elasticidade à obra. A marimba traz figuras rítmicas mais elaboradas. A voz, sem texto específico, trabalha fonemas isolados e é explorada como instrumento de sopro, embora ocasionalmente apareça com caráter percussivo.

ELI-ERI MOURA (Campina Grande, Pb, 1963), estudos de composição e regência com José Alberto Kaplan, bacharel em música pela UFPb, onde fez curso de especialização em música do séc. XX. Está preparando tese de mestrado em composição para a Universidade McGill, Montreal, sob a orientação de Alcides Lanza. Participante de anteriores Bienais (1985, 1987, 1989, 1991), recebeu prêmios em festivais nacionais de teatro por músicas cênicas. É regente do Coral Universitário da Paraíba.

In somnis (1990), com texto em inglês por W. J. Solha, descreve imagens visuais distorcidas e sem sentido aparente, como de um sonho ou pesadelo. A forma da composição deriva de associações entre essas imagens. Seu discurso musical se desenvolve sobretudo como resultado da ação recíproca entre diversas texturas e as diferentes combinações de um conjunto simétrico de quatro notas.

EMANUEL DIMAS DE MELO PIMENTA (São Paulo, SP 1957), de formação múltipla, atua em instituições nacionais, estrangeiras e internacionais nas áreas de fotografia, videoarte, *marketing*, arquitetura, sistemas computacionais, urbanismo, eletrotécnica, música — em particular a eletroacústica, inclusive com livros e artigos editados e a convite de universidades para cursos e palestras. Como compositor participou de concertos e festivais no Brasil, EUA, Canadá, Japão e em vários países europeus. Sua obra *Gravitational sounds* foi estreada em Nova York com Merce Cunningham.

"*Bacterium* é uma obra integralmente digital elaborada à partir da criação de bactérias matemáticas. Quando uma bactéria absorve algum alimento (também matemático) sons são emitidos."

EMILIO TERRAZA (Bahia Blanca, Argentina, 1929), estudos iniciais na Argentina, depois com Tony Aubin em Paris e Raphael Baptista no Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro foi professor na UNI-RIO. Radicado em Brasília desde 1969, é professor na UNB, cujo Departamento de Música chefiou; de 1972 a 1975 foi professor na UFPi. Ainda na UNB coordena o Setor Artes do Núcleo de Estudos Caribenhos e Latino-americanos. Realizou conferências em 1989 nos EUA a convite da Universidade de Indiana.

Sobre o *Tango n.º 39* (1988) declarou o compositor: "Não há em realidade uma música 'erudita' e outra 'popular', mas uma forma de tratamento; nesse caso, a erudição é um compromisso a assumir com qualquer gênero. Qualquer concessão pelo fato de tratar-se de gênero popular seria subestimação e se tornaria preconceito; e a arte deve atender às mais diversas formas de manifestação do espírito em sua diversidade de estados anímicos."

ERNANI AGUIAR (Petrópolis, RJ, 1950), estudos musicais no Brasil, Itália e Alemanha e de composição sobretudo com Guerra Peixe. É professor na UFRJ e no Instituto Villa-Lobos da UNI-RIO, e como regente no Brasil e no exterior dá especial atenção ao repertório brasileiro, do qual fez várias estréias mundiais. Dedicase também à pesquisa de música no Brasil colônia. Sua cantata *O menino maluquinho*, texto de Ziraldo, para coro infantil e orquestra, resulta de encomenda da M&C Marketing Cultural.

"As *Danças* de Mário de Andrade são um só poema em nove partes que tem por tema a própria alegria do poeta, em sucessão de versos livres, numa liberdade que o modernismo recém descobrira. A alegria que perpassa pelo poema, pulando de assunto de verso em verso, retrata a sensação do poeta que se libertou de toda convenção poética, com sua linguagem natural e popular. O compositor homenageia o poeta em seu centenário, passando para a música o espírito do poema em seqüências fragmentadas de constante vivacidade e variedade rítmica." (Gerson Valle)

ESTERCIO MARQUEZ CUNHA (Goiatuba, GO, 1941), graduado pelo Conservatório Brasileiro de Música, fez mestrado e doutorado em música em universidades de Oklahoma, EUA. É professor da Universidade de Goiás desde 1967. Participou da VIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea (1989).

As *Variações para quatro clarinetes* (1990), estreadas o ano passado em Goiânia, partem de uma idéia musical — o encadeamento de três acordes — exposta nos três primeiros compassos e constantemente variada nos seus aspectos rítmicos e sonoros.

FERNANDO CERQUEIRA (Ilhéus, BA, 1941), membro do Grupo de Compositores da Bahia, fez estudos de filosofia e música e mestrado em teoria da literatura. Com Ernst Widmer graduou-se em composição na UFBA, em cujo madrigal iniciou atividades profissionais em 1962 e de cuja orquestra sinfônica foi clarinetista. Foi professor na UNB de 1970 a 1975 e é chefe do Departamento de Composição, Literatura e Estruturação Musical da Escola de Música da UFBA. Membro da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, recebeu vários prêmios em sua carreira.

Híbrido concerto (1991) desenvolve-se em três partes contínuas (Tematismo, Cismas, Responsorial), onde o título geral e o da primeira parte refletem a idéia e o material da obra. Dez elementos são apresentados sem que nenhum predomine: sete na primeira parte, dois na segunda (de ambiente mais subjetivo) e o último na terceira. Quando algum deles parece assumir maior importância, imediatamente surge outro e muda a direção da idéia. No clarinete o último elemento dialoga com suas três transformações nos demais instrumentos. Um *tutti* com superposição de três elementos encerra a obra.

FLO MENEZES (São Paulo, SP, 1962), estudos na ECA/USP, da qual foi assistente do curso de composição. Em Colônia, Alemanha, foi bolsista do DAAD no Estúdio de Música Eletrônica e diplomado na Escola Superior de Música. Do relacionamento com a obra do ex-professor Luciano Berio resultam: a tese de doutorado em musicologia pela Universidade de Liège, Bélgica; o pós-doutorado junto à Paul Sacher Stiftung, Basileia, Suíça, sobre manuscritos de Berio; a análise de *Visage*, premiada no I Concurso Internacional de Musicologia, Itália; o prêmio de composição da UNESCO por *Contextures I (Hommage à Berio)* e a publicação de livros na Alemanha e Itália sobre música eletroacústica e sobre a obra daquele compositor. Leciona música eletroacústica em São Paulo, onde fundou o Estúdio de Música Digital Eletroacústica Contemporânea da FASM.

Contextura IV — Monteverdi outramente (1990/1993) faz hipotética metamorfose atual de Monteverdi, homenageando-o metafóricamente e contextualmente. As três partes ininterruptas são estruturadas a partir da fita magnética principal. A harpa de Orfeo, a flauta de Pã e a voz de Speranza são ora sintetizadas ora radicalmente transformadas em estúdio. A parte central personifica o drama de Orfeu no inferno à procura de Eurídice mediante solo de trompete em meio ao público — o que redimensiona o espaço musical e ocasiona a intervenção da segunda fita magnética atrás do público, envolvido quadrfonicamente pelas constantes buscas de ressonância no mais amplo sentido da palavra.

GEORGE RANDOLPH (Rio de Janeiro, RJ, 1963), engenheiro eletrônico e empresário na área de computação, fez estudos de violino, violão e piano na infância e adolescência, acompanhados de uma grande vivência de música popular, em especial do rock. Seus estudos de composição foram começados e continuam sob a orientação de Koellreutter.

Ergo (1993) foi composta a partir de um repertório de sons criado num sintetizador Yamaha SY200. Dividida em três partes, caracteriza-se sobretudo por superposições de planos sonoros com fortes contrastes e pela originalidade dos sons. É dedicada a Koellreutter.

GILBERTO MENDES (Santos, SP, 1922), praticamente autodidata, frequentou aulas de Claudio Santoro, Olivier Toni e cursos de férias de Darmstadt como bolsista do Brasil e da Alemanha. Signatário do Manifesto Música Nova (1963), é um dos brasileiros pioneiros em música aleatória, concreta, microtonal e na experimentação de novos materiais sonoros e de grafismos, bem como na incorporação da ação musical na própria composição. Idealizou o Festival Música Nova, Santos, iniciado em 1962. Professor convidado nas Universidades de Wisconsin (Milwaukee) e de Austin (Texas), EUA, bem como na UNB e na PUC/SP. É professor de composição na USP.

O *Estudo magno* (1993) foi composto por solicitação de José Eduardo Martins para sua aula magna na abertura do corrente ano letivo na ECA/USP. É quase uma tocata, pois a idéia musical é desenvolvida — o caráter de estudo fica mais nos compassos repetidos. Num mesmo andamento, e como se a velocidade aumentasse, sucedem-se a cada tempo quatro semicolcheias, depois tercinas e oito fusas. Uma grande e variada cadência fecha o estudo.

GUERRA PEIXE (Petrópolis, RJ, 1914), compositor e professor formado exclusivamente no Brasil, é, dos grandes nomes de nossa música, o único que fez pesquisa folclórica sistemática, diferente da coleta de melodias, ritmos e harmonias.

A idéia musical de *Tributo a Portinari* (1993), inspirada em quatro quadros do pintor, surgiu em 1986 e foi realizada em 1992 com o apoio da Fundação Vitae. "Família dos emigrantes", numa andadura geral de marcha, recorda o êxodo rural nordestino conduzindo a dor de uma região abandonada; "Espantalho" é humanizado com a sugestão, no segundo tema, da melancolia de quem vive dia e noite na solidão; "Enterro na rede", com o defunto carregado na mesma rede em que dormia e descansava, está no estilo das rezas de defunto, ou sentinelas; "Bumba-meu-boi", o folguedo mais característico do Nordeste, espécie de teatro de revista popular, está mais ou menos na forma de rondó, no qual foi incluído um frevo estilizado.

GUILHERME DE ALENCAR PINTO (São Paulo, SP, 1960), estudos com H.-J. Koellreutter e Coriún Aharonian e freqüência a cinco Cursos Latino-americanos de Música Contemporânea. Reside desde 1986 em Montevidéu onde atua em particular na área da música popular como produtor de discos, arranjador e pesquisador. É professor no Taller Uruguayo de Musica Popular e trabalhou como técnico de cinema no Brasil, França e Uruguai.

"Quando compus *Fluxo para flauta, oboé e violoncelo* (1990/91), pensei simplesmente num dima sonoro que pretendia meditativo e concentrado, em maneiras de forçar os instrumentos a mergulhar numa temporalidade não métrica, reduzindo as travas de uma escrita excessivamente complexa; e gostei da idéia de um dodecafonismo 'gago' escapando ao 'estilo dodecafônico' tipo Escola de Viena ou 'geração Darmstadt'. Foi só quando terminei a obra que percebi a relação entre vários desses elementos e a estética koellreutteriana. A própria escrita proporcional, os longos silêncios, a relativa parcimônia de ocorrências e mesmo o uso da flauta me fizeram pensar nas idiossincrasias e no papel histórico de meu querido professor, quase que me impondo dedicar-lhe essa peça no momento em que acabara de cumprir seus 75 anos de vida e luta."

GUILHERME BAUER (Rio de Janeiro, RJ, 1950) ER, estudos de análise com Esther Scliar e de composição com Cláudio Santoro, aperfeiçoamentos com Guerra-Peixe. Premiado nos concursos: Cidade de Curitiba (1976), Funarte-Vitale (1979, 1981), Latino-americano de Composição da UFBA (1979), Esso de Música (1979), Cultura Artística de São Paulo (1984), Fundação Orquestra Sinfônica de Brasília (1987). Em 1971 fundou o Ars Contemporânea, grupo de importante papel na renovação da música de concerto. É professor na Universidade Estácio de Sá e na Escola de Música Villa-Lobos, RJ.

Sugestões de inúbias (1991) reafirma o interesse do autor em compor apoiado em tradições populares. De extrema dificuldade, sugerem as agudas flautas dos Cabocolinhos, a mais original presença no carnaval do Recife. Os ritmos característicos são melodizados pela segunda flauta. Na primeira, uma célula trazida inicialmente na região agudíssima repete-se com pequenas alterações no decorrer da obra, onde aparecem elementos livres, de ligação, formando outras seções.

GUILHERME HERMOLIN (Rio de Janeiro, RJ, 1969) ER, formado pela Escola de Música da UFRJ, atua também como arranjador, diretor musical e produtor em música popular. Participou da gravação do LP *70 Anos de Koellreutter*; gravou LP com obras de Arthur Kampela; atualmente prepara a gravação do CD *"Norte, Sul, Leste, Oeste"*, com obras suas.

Pela fresta (1988), texto do compositor, foi apresentada em todo o Brasil pelos intérpretes de hoje. "A peça mostra uma realidade virtual, como um espelho refletindo uma imagem subjetiva do mundo, o que se destaca através do texto em rondó com arpejos de harmônicos. O lado performático da composição caracteriza ainda mais o sentido do texto e da estética musical como um todo."

HANS-JOACHIM KOELLREUTTER (Freiburg, Alemanha, 1915). Dois alemães chegados ao Brasil por volta de 1940 tiveram e têm grande importância na vida musical brasileira: Francisco Curt Lange, que desbravou a história dessa música no período colonial, e Hans-Joachim Koellreutter, que abriu caminhos para a difusão de correntes musicais do séc. XX europeu.

Dharma (1993) provém do hindustani, onde tem, dentre outras acepções, a de "leis imutáveis da natureza". A essência da obra é associada à arte de Kandinsky. A composição é serial e tem estruturação planimétrica, onde os componentes musicais não são definidos, fixos ou estáveis — o que confere à peça uma idéia de obra aberta. O intérprete é um co-autor, com espaço para improvisação; a notação, em diagrama, proporciona leitura em múltiplas direções. A forma musical é tripartida e assimétrica, como no ikebana.

HARRY L. CROWL JR. (Belo Horizonte, MG, 1958) ER estudos de composição na Julliard School of Music, Nova York, continuados com Rufo Herrera, Willy Corrêa de Oliveira, Eduardo Bertola. Sua atividade composicional desenvolve-se em estreita relação com grupos como o Novo Horizonte (São Paulo), Quarteto de Cordas de Brasília, Banda Sinfônica do Estado de São Paulo. Ocupa-se também de pesquisa sobre a música colonial mineira, tema de conferências suas no Brasil e no exterior. Organizou o setor musical do Centro de Estudos do séc. XVIII, na Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

A *Sinfonia n.º 1* (1990/91) foi concebida no sentido etimológico do termo, não no da forma clássica; o conjunto instrumental foi pensado como uma grande orquestra com possibilidades de combinações sonoras quase infinitas e não como banda sinfônica tradicional. Instrumentos não regulares (harpa, celesta, sintetizador) são incorporados à formação permanente do conjunto, com o fito de enriquecer a paleta de cores sonoras. A concepção da obra é quase camerística; há poucos *tutti*. Suas sete partes são trabalhadas sem interrupção, levando em conta os parâmetros de timbres e durações. Há uma interrelação das partes quanto à utilização de ritmos simétricos e assimétricos, retrogradáveis ou não.

HEITOR ALIMONDA (Araraquara, SP, 1922), estudos no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, aperfeiçamentos com Tagliaferro e Terán e nos EUA. Foi um dos fundadores dos grupos Ars Barroca e Sexteto do Rio e professor na UFRJ. Como compositor tem vários prêmios em concursos e dá especial atenção a obras didáticas.

Desse compositor a *X Bienal* apresenta *Intenções*.

HENRIQUE DAVID KORENCHENDLER (Rio de Janeiro, RJ, 1948), premiado aos nove anos pela composição de hino em homenagem a Santos Dumont, graduou-se pela UFRJ e é vencedor de vários concursos: Jovens Compositores da OSB (1975), II Bienal (1977), Coro Infantil do INM/Funarte (1979).

A *Sinfonieta* (1993) foi composta especialmente para *X Bienal*. No primeiro movimento, a partir de um tema 'harmônico' desenvolvem-se oito variações nas mais diferentes técnicas, terminando com um fugato aparentemente sem relação com a idéia harmônica inicial. O "Intermezzo" é um pequeno 'descanço musical' apenas para separar os movimentos extremos. No "Finale" em rondó a primeira estrofe trabalha timbres e harmonias criando ambientação sonora; a segunda é sobretudo rítmica, sobre pequenas células binárias e ternárias; a terceira é mais lírica e desenvolvida; a quarta mistura elementos das duas primeiras. O estribilho é anunciado por arpejos e acordes e tem pequena parte coral.

ILZA NOGUEIRA (Salvador, BA, 1948), graduada em letras clássicas e vernáculas e em música pela UFBA, onde estudou com Ernst Widmer e Pierre Klose. Bolsista do DAAD, estudou em Colônia com Maurício Kagel. Doutora em filosofia pela Universidade Estadual de Nova York, em Buffalo, fez pesquisa em teoria da música na Universidade de Yale. Primeira presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Música, é pesquisadora no CNPq. Como compositora, sua primeira fase (1969-78) emprega recursos extramusical e serve-se do teatro musical, da improvisação e da notação não convencional. A fase atual aplica técnicas seriais a materiais e estruturas oriundas da teoria dos conjuntos.

Ode aos jamais iluminados (1993) homenageia Mário de Andrade em seu centenário. O texto satírico é um arranjo de versos selecionados de poemas da *Paulicéia Desvairada*; a estética da obra segue um modelo andradino de harmonia/polifonia poética: tumulto desordenado de idéias reduzidas a palavras/frases soltas sem ligação aparente - os versos de seis poemas de Mário, desarticulados de seu contexto original, estruturam novos poemas. Na música, intertextos tomados das tradições européia e brasileira buscam articular um processo narrativo análogo ao que Mário de Andrade epitomiza em *Macunaíma*, baseado no conflito entre dois sistemas referenciais distintos.

JAMES CORRÊA (Porto Alegre, RS, 1968), violonista de formação, cursa o bacharelado em música na UFRS. Com outros músicos fundou em 1984 o grupo de música experimental Quintessência, que realizou várias apresentações até 1987. Estreou obras no 1 Encontro de Compositores da Região Sul em 1988; participou, em 1988, do 2 Encontro de Jovens Orquestras de Novo Hamburgo, RS, como compositor convidado, e em 1989 da IX Bienal de Música Contemporânea. É professor de violão e matérias correlatas.

O Êxodo do enamorado nasceu de discussões com o compositor Fernando Mattos (a quem a obra é dedicada) e da audição de discos de Elomar Figueira. "Busquei filtrar a poética de Elomar através de prismas seriais, de eixos polares e quartos de tom". A obra pode ser pensada como um estudo sobre timbres de violão — o timbre é seu elemento estrutural. Alturas e ritmos trabalham técnicas seriais, em especial as permutações cíclicas de Pousseur, 'misturadas com algumas outras técnicas como polarização, conjuntos com microtons e uma boa pitada de falta de ortodoxia."

JOÃO GUILHERME RIPPER (Rio de Janeiro, RJ, 1959) EM, graduação na Escola de música da UFRJ, cursos de aperfeiçoamento no Brasil e na Itália. Fez mestrado em composição com tese sobre música sacra e foi o único compositor latino-americano convidado a participar dos Incontri di Musica Sacra Contemporanea, em Roma, ano em que também participou do Contemporary Music Forum, Washington. É professor na UFRJ e na Universidade Estácio de Sá.

Visões da ausência (1993) inspira-se em Yohanan (o evangelista S. João), que cristãos primitivos acreditavam imortal, e comporta-se como uma obra medieval em suas injunções metafísicas. Semitons e quartas são intervalos estruturais fundamentais; o sete (número místico) está presente em numeradores de compassos e nas superposições de quartas. O primeiro movimento retrata o personagem em seus aspectos místicos e psicológicos. No segundo, danças e cânticos trazem alegorias de hinos do Apocalipse; o tema construído sobre quatro acordes recorrentes em 7/8 encerra o movimento com a impetuosidade das visões de Yohanan. As 'Lamentações' lembram as perseguições de Nero, a destruição do templo de Jerusalém, a proximidade da morte; seu desenvolvimento privilegia um *ostinato* de quarta aumentada; uma fuga em espelho supera a síntese do alfa e do ômega, a inexistência real do tempo. "Talvez tenha sido essa a compreensão final de Yohanan, a única conciliação possível para o seu paradigma."

JOCY DE OLIVEIRA (Curitiba, PR, 1936), compositora, pianista, escritora, recebeu o diploma de Master of Arts pela Universidade de Washington. Recebeu prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte, da Fundação Rockefeller, do Creative Artist Public Service (EUA); gravou a obra completa para piano de Olivier Messiaen. Foi professora associada da Universidade South Florida, Tampa, e da New School for Social Research, Nova York; é fundadora da Academia Paulista de Música. Dedica-se especialmente à música eletroacústica e à música cênica.

Em *Interação para atriz, percussão e meios eletrônicos* (1993) "prossigo minha investigação sobre os valores inerentes ao feminino, enfatizando o papel da mulher. A obra explora textos míticos, estórias e sonhos de mulheres, a interpretação de contos de fada, textos bíblicos, além de fragmentos da *Medéia*. A interpretação desses textos escritos em várias línguas enfatiza qualidades sonoras e fonêmicas, assim como parâmetros de intensidade, dinâmica, tempo, tessitura (num) jogo explorando combinações rítmicas e timbrísticas."

JORGE ANTUNES (Rio de Janeiro, RJ, 1942), formado em física e em música, recebeu recentemente um prêmio da Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO, uma encomenda da Radio France para o Festival Présences 1995 e outra para Festival Donaueschingen 1996, e terá concerto com obras suas no Festival Chartreuse-Avignon 1995. O compositor se define como "o precursor da música eletrônica brasileira dos anos 60 (que) hoje já não tem preconceitos nem com a tradição nem com o experimental".

Amerika 500 (1992) resulta de encomenda do Festival Aspete, de Salzburg, onde foi estreada em concerto dedicado a obras do compositor. A obra pretende ironizar a descoberta da América e é dividida em cinco partes: "As pirogas não vão muito longe": alternância de cantos indígenas e novos timbres - para o compositor, os índios poderiam ter descoberto a Europa se suas pirogas fossem tão boas como as caravelas; "O encobrimento": discurso musical contemporâneo invadido por minueto e cantos católicos; "Curiós, patativas, xexéus e o guaraná": um teatro musical explora maravilhas que extasiaram invasores; "As máquinas que fazem máquinas": o espírito competitivo do homem-máquina destrói o espírito fraterno dos autóctones; "Em busca de nossos jaburus": único animal que divide o alimento com os de seu grupo, o jaburu simboliza a esperança na volta do viver fraterno.

JOSÉ ALBERTO KAPLAN (Rosário, Argentina, 1935), estudos de piano na Argentina, em Genebra e Viena; laureado com Diploma de Honra no VI Concurso Internacional de Piano de Barcelona (1961). Primeiro lugar no Concurso Nacional de Composição Funarte-Vitale (1978), segundo lugar no Concurso Nacional de Composição para Obras Corais, Funarte (1979). Como compositor participou de várias Bienais. Publicou estudos sobre ensino de piano. É professor do Departamento de Música da UFPB e participa como docente de festivais de música, além de ministrar cursos em várias cidades brasileiras. Na Paraíba foi regente do Coral Universitário e da Orquestra de Câmara do Estado, além de regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica.

O *Quinteto para metais* (1983/1992) obteve o terceiro prêmio no Concurso Regional de Composição da UFBA e utiliza certas escalas, giros melódicos e ritmos típicos da música popular e folclórica brasileira. O primeiro movimento é o de sonata bitemática, e seu segundo tema é conhecida melodia folclórica nordestina; o segundo, uma dança em andamento rápido que estiliza evoluções coreográficas do carnaval pernambucano; o terceiro serve-se de ritmos obsessivos com elementos e procedimentos de origem afro-brasileiras.

JOSÉ VIEIRA BRANDÃO (Cambuquira, MG, 1911), radicado desde cedo no Rio de Janeiro, estudou no então Instituto Nacional de Música, aperfeiçoou-se em Paris com Marguerite Long e permaneceu de 1945 a 1946 nos EUA. Também pianista e regente coral, professor no extinto Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, foi um dos grandes colaboradores de Villa-Lobos em atividades de mútuo proveito e que se prolongaram por longo período.

O *Divertimento n.º 1* (1968) caracteriza ambientes e reminiscências dos conjuntos populares das primeiras décadas do século. Apelos dançantes se destacam no primeiro movimento em imitações e *ostinatos* rítmicos, seguidos pelo ambiente seresteiro do segundo movimento. No terceiro, o dueto contrapontado entre flauta e trompa traz a atmosfera indefinível e identificável de nossa música popular, seguido de reexposição temática cujo caráter dançante é acentuado na coda de ritmo incisivo.

KILZA SETTI (São Paulo, SP, 1932), graduação em música pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, doutorado em antropologia social pela USP, estudos de composição com Cargaro Guarneri. Bolsista da Fundação Gulbenkian, fez pesquisas em etnomusicologia em Portugal. É especialista em música tradicional brasileira e participou do projeto da Unesco 'The Universe of Music' com estudo sobre tradições orais latino-americanas dos séculos XVI a XX. Tem composições premiadas em concursos da Fundação Ricordi & Co. (Milão), da Comissão Estadual de Música do Estado de São Paulo, da Rádio MEC ('A canção brasileira'), do Instituto Nacional de Música da Funarte. Dedicou-se sobretudo à música vocal.

Ore ru ñamandu ete tenondeguá (Duas preces Mbyá-Guarani; 1993) baseada em convivência de oito anos com esse grupo e em fragmentos de seus textos sagrados, está dividida em duas partes executadas sem interrupção. "Não há aqui transferência ou utilização da matéria sonora dos Guarani, mas foram captados tipos de emissão vocal e usos instrumentais autóctones". A melodia vocal "insiste no uníssono e deve ser articulada com impulsos acentuados nos inícios de frases dos recitativos". "O piano é intencionalmente obsessivo, repetitivo e nos *clusters* deve soar como pedal. A flauta ora sublinha a nota pedal, ora sugere a intervenção dos múltiplos sons das aldeias".

LELO NAZARIO (São Paulo, SP, 1956), estudos de piano com Menininha Lobo, trabalhos instrumentais com Hermeto Pascoal e Marcio Montarrojos (dentre outros). Fez duo com o pianista Felix Wagner, que realizou apresentações na Europa em 1980. Voltou à Europa em 1983 como compositor e pianista do Grupo Um e há cinco anos está ligado ao grupo Pau-Brasil. Com esses grupos participou da gravação de vários LPs e CDs no Brasil e na Europa.

Limite (1990) foi composta por encomenda da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e estreada em 1989. Suas oito partes são executadas sem interrupção por três elementos distintos: a banda sinfônica, os dois solistas e os sons eletrônicos pré-gravados. A parte da banda é quase sempre de textura complexa, com superposição de elementos diferentes e de igual importância para as diversas combinações instrumentais. Ocorre um enriquecimento de sonoridades quando ao conjunto orquestral se juntam os solistas, com informações de jazz contemporâneo.

LIVIO TRAGTENBERG (São Paulo, SP, 1963), compositor e saxofonista, recebeu bolsas de composição da Fundação Guggenheim e da Fundação Vitae. É professor na UNICAMP.

Desse compositor a X Bienal apresenta *É sempre noite... por isso sentimos tanta necessidade de luz* (1989).

LUIS CARLOS CSEKO (Salvador, Ba, 1945), bacharel pela UNB, fez mestrado na Universidade de Colorado e cursos de especialização nas Universidades de Columbia e Minnesota. Trabalhou com Vladimir Ussachevsky no Columbia-Princeton Electronic Music Studio. Premiada nacional e internacionalmente, desenvolve no Brasil atividade artística e educacional, em particular mediante a Oficina de Linguagem Musical, sobre a qual escreveu livro. Produz concertos de música contemporânea e é autor de numerosos artigos que divulgam suas idéias.

"Imersa em estreitos e intensos fachos de luz azul-escura, verticalmente provenientes de grande altura do teto do teatro, delimitados pela fumaça de palco, *Azul escuro* se desenvolve sobre a rica tímbrica contemporânea do clarinete e piano, um ritmo veloz e fluido de acontecimento de eventos e uma densa conjugação vertical de elementos. Angulosa, rascante, suave e noturna, *Azul Escuro* prossegue em seu curso com/contra o Tempo."

MADALENA BERNARDES (São Paulo, SP, 1960), autodidata, desenvolve seu trabalho nos campos artístico e terapêutico, integrando a música com estudos de teatro, dança e pintura. Fundou a escola Vozes em Movimento baseada em método resultante de seus estudos e de muitas atuações e cujo objetivo maior é o desenvolvimento da capacidade expressiva do homem, integrando corpo, sentimentos e idéias. Foi bolsista na Holanda e Alemanha dentro de uma visão antroposófica. Atua no Brasil e na Europa desde 1982.

Dhrassis (1991), do grego antigo, pode se traduzir por drástico — uma força/ação que rompe o espaço e a circunstância. Explora a gestualidade do som tendo em seu processo de criação a unidade do complexo voz, corpo, idéia e "traça a trajetória de um indivíduo que se dá conta de quem faz seu destino é a circunstância em que ele vive e não ele próprio. E então ele sai no caminho de uma estratégia onde se desdobra em vários personagens, rompe, transforma e chega na sua própria respiração". A autora dá "especial dedicação ao desenvolvimento da arte vocal. (...) Existem muito mais possibilidades musicais além dos ruídos vocais. E se alcançam outras dimensões quando este instrumento é tocado na sua tridimensionalidade" (música, teatro e dança).

MARCELO CONDURU (Rio de Janeiro, RJ, 1955), aluno de composição na UNI-RIO, participou como compositor e intérprete de Panoramas da Música Atual Brasileira (Escola de Música da UFRJ) e de Bienais como membro do grupo Expele-Metal. Fez cursos com Koellreutter e Eduardo Guimarães Álvares.

Varèsiana (1993) foi inicialmente uma ponte entre duas cenas, composta num curso de música cênica. Sua versão ampliada explora algumas formas da relação música e espaço com base num esquema: "Palco vazio / formas de ocupação cênica / palco vazio". São procuradas transições, superposições e alternâncias bruscas entre formas de utilização do espaço. Sua configuração sonora remete a um espaço urbano e à sua transformação.

MARIA HELENA ROSAS FERNANDES (Brazópolis, MG, 1933), estudos de piano com Elzira Amabile e João de Souza Lima, de composição com Osvaldo Lacerda e Almeida Prado. Segundo lugar no Concurso Funarte-Vitale (1979); Prêmio Governador do Estado da Bahia, no I Concurso Latino-americano da UFBa (1979); 2 Prêmio Esso de Música Erudita (1979); primeiro lugar no Concurso Nacional de Composição para Coro Infantil, Funarte (1980) e no III Concurso Latino-americano de Composição, Montevideu (1988). Pesquisadora de música indígena, participa de congressos sobre esse tema no Brasil e no exterior. Em 1992 participou do Festival Deutschland-Latinamerika, Heidelberg, onde recebeu encomenda de obra.

Brasil 92 foi encomendada o ano passado pelo Kulturinstitut Komponistinnen, Heidelberg, Alemanha. "Nas duas primeiras partes — Chapada dos Guimarães, Pantanal — diversos cantos de pássaros da região foram utilizados; a terceira — Sangradouro — tem o nome de uma missão salesiana em Mato Grosso e emprega motivos indígenas, numa tentativa de retratar de forma sonora essa região maravilhosa de nosso Brasil central".

MÁRIO FICARELLI (São Paulo, SP, 1937), voltado inicialmente aos estudos de piano, trabalhou composição com Olivier Toni de 1968 a 1970. Participou da Tribuna Internacional de Compositores da Unesco (1975) e recebeu vários prêmios nacionais e internacionais. Sua sinfonia *Mhatuhabh* foi estreada pela Tonhalle de Zurique sob a regência de Roberto Duarte em 1992, ano em que recebeu a Bolsa Vitae de Artes para compor sua terceira sinfonia. É professor na USP.

A *Sinfonia n.º 1 para instrumentos de sopro* (1990) foi composta por encomenda da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo para a Banda Sinfônica do Estado. Seus naipes são explorados mediante passagens exclusivas. A abertura com percussões provoca uma fanfarra nos metais, seguida de seção harmônica e solene com retorno da fanfarra. Uma passagem virtuosística doas clarinetes leva a uma passacalha (segundo movimento) em *ostinato*. O terceiro movimento traz atmosfera de grande contraste com o anterior; o último é dominado pelo ritmo com solos nos metais contrapostos ao restante da massa orquestral.

MARISA REZENDE (Rio de Janeiro, RJ, 1944), bacharel em música pela UFPe, fez mestrado de piano na Universidade da Califórnia, onde obteve doutorado em composição em 1984. Ex-professora de matérias teóricas na UFPe, é professora titular de composição da UFRJ, em cuja Escola de Música coordena o Grupo Música Nova, com apoio do CNPq. Participou de várias Bienais e de eventos análogos e foi pesquisadora visitante da Universidade de Keele, Inglaterra. Dedicou-se em especial à composição camerística. Recebeu o prêmio UCSB Music Affiliates (1983).

“A concepção de *Adiamento* (1991) buscou explorar a dualidade presente no texto de Fernando Pessoa através da utilização de três solistas personificando os *alter ego* do poeta e simbolizando os principais estados de espírito presentes no texto — o emotivo, o conflituado e o decidido. A linguagem musical pontuou o emotivo através da construção melódica predominantemente tonal e diatônica, o conflituado pelo cromatismo e o decidido pela exploração de uma célula rítmica. O intervalo de segunda é básico na peça, que é estruturada pela repetição de seções semelhantes alternadas a seções contrastantes, o que sugere uma forma rondó, na qual o refrão não é o elemento primeiro”.

MIGUEL PRAGUER COELHO (Nova York, EUA, 1948), estudou na UFRJ e na Julliard School of Music. Foi assistente de Carlos Chávez de 1972 a 1978.

Ritmos (1979/80), dedicada ao pianista Antônio Guedes Barbosa, é uma peça em um movimento com várias seções, estreada em Nova York em 1980 sob a regência do compositor.

MURILO SANTOS (Rio de Janeiro, RJ, 1931) EM, pianista de formação, diplomou-se com Arnaldo Estrela na UFRJ. Após breve passagem pela música popular, iniciou longa e bem sucedida carreira como camerista. Em 1970 concluiu com Henrique Morelenbaum e José Siqueira o curso de composição na UFRJ, onde também fez regência coral. Recebeu vários prêmios de composição no Brasil e também na Alemanha. Participou da Tribuna Internacional de Compositores, Unesco. Integra a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e é professor adjunto de composição na UFRJ.

A *Dança* (1993) pode ser designada como batuque estilizado, tratado de forma bastante livre como peça de concerto e ressaltando o contraste sonoro entre os dois instrumentos solistas: violino e trompa.

NEDER JOSÉ NASSARO (Teresópolis, RJ, 1961), estudos de composição com Guerra-Peixe; cursa o quinto período de composição na UNI-RIO. Participou do Panorama da Música Contemporânea Brasileira de 1992.

Quadros (1993) é obra estritamente contrapontística que explora de diversas maneiras um mesmo material temático mediante intenso diálogo entre os quatro solistas.

NESTOR DE HOLANDA CAVALCANTI (Rio de Janeiro, RJ, 1949), estudos de composição com Guerra-Peixe e de violão com Jodacil Damasceno. Foi professor no Conservatório Brasileiro de Música e na Escola de Música Villa-Lobos, Rio de Janeiro; fez a direção musical dos corais Cobra Coral e A Garganta Profunda. No Instituto Nacional de Música, Funarte, produziu discos para o Projeto Memória Musical Brasileira. É arranjador de música popular, produtor de discos, redator. Tem obras premiadas em concursos nacionais e internacionais de composição. É chefe da Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional.

As quatro *Canções populares, quase eruditas* (1992) são peças do tipo “canção sem palavras” compostas para Noel Devos que as estreou no último Panorama da Música Brasileira Atual. Outras quatro canções, compostas em 1993, completam essa série.

OSVALDO LACERDA (São Paulo, SP, 1927), de formação inicialmente pianística, dedicou-se à composição estudando com Camargo Guarnieri de 1952 a 1962. Em 1963 foi bolsista nos EUA da John Simon Guggenheim Foundation. Representou o Brasil no Seminário Interamericano de Compositores da Universidade de Indiana e no III Festival Interamericano de Música, Washington (1965). Primeiro prêmio no Concurso de Composição Cidade de São Paulo (1962) e no Concurso de Composição de Obras Sinfônicas (Rio de Janeiro, 1962); segundo prêmio no concurso A Canção Brasileira (Rádio MEC, 1962). Em São Paulo recebeu quatro prêmios por Melhor Música de Câmara nos anos de 1970, 1975, 1978 e 1981. Exerce também atividade didática.

O *Quinteto de sopros* (1988) trata os cinco instrumentos como solistas. Seu primeiro movimento está na forma sonata bitemática. No segundo um *sforzato* de dois compassos no *tutti* provoca uma espécie de parada no movimento incessante de colcheias. Após um movimento lírico, a obra é encerrada em alegria e bulício.

PAULO CESAR CHAGAS. Desse compositor a *X Bienal* apresenta *Rumores I* (1992)

PAULO COSTA LIMA (Salvador, BA, 1954), membro do Grupo de Compositores da Bahia., Após estudos musicais na UFBA fez mestrado em composição e teoria pela Universidade de Illinois, onde também apresentou obras suas. Foi diretor da Escola de Música da UFBA, quando reeditou os prestigiosos Seminários Internacionais de Música. Na mesma Escola coordenou as Semanas de Música Contemporânea e lecionou literatura e estruturação musical, além de composição. É editor da revista *Art* (21 números publicados de 1981 a 1993). Participa de festivais de música no Brasil e no exterior.

Atotô do l'homme armé (1993): “A interpretação de épocas e culturas pode se transformar em celebração pacífica, desarmamentista como o canto medieval; o objeto da atenção composicional são as proporções de motivos da melodia original em confronto com uma tradição afro. A peça é a segunda de uma série de atotôs e, como a anterior, ambiciona exuberância e lógica sonoras.”

PAUXY GENTIL-NUNES (Rio de Janeiro, RJ, 1963), é bachelar em flauta e tem mestrado em composição pela UFRJ com Celso Woltzenlogel e Marisa Rezende. Fez cursos de aperfeiçoamento com Michel Phillipot, Alceo Bocchino, Christopher Bochmann, Eduardo Bértola, Peer Raben. Desde 1982 participa das Bienais de Música e dos Panoramas de Música Brasileira Atual (Escola de Música da UFRJ) como compositor e intérprete; atuou e atua em diversos conjuntos instrumentais. É professor assistente na UFRJ.

O *Trio náutico* (1992) foi comissionado pelo Arara Trio (Zurique). O primeiro movimento, em forma sonata, explora características rítmicas de nossa música popular. O segundo traz uma estrutura seccional onde os elementos são serialmente dispostos de forma a criar uma lenta transmutação de ruídos em alturas determinadas e vice-versa, com uma cadência central para flauta Matusi. O terceiro, em rondó, é tratado à maneira clássica, mas com hemíolas e acentos deslocados, além de uma passacalha como seção contrastante.

PEDRO AUGUSTO DIAS (Itabuna, BA, 1966), cursa composição na UFBA. Exerce atividade profissional como instrumentista, arranjador e diretor musical em música popular e em 1987 recebeu o Troféu Caymmi como revelação instrumentista. Recebeu prêmios em Apresentações de Compositores da Bahia e o primeiro lugar no Concurso Nacional de Composição da UFBA em 1991.

Três lamentações (1991) tem três seções ininterruptas referindo diferentes aspectos de luto e onde predominam a politonalidade e a atonalidade livre. Na primeira seção, de caráter penoso, surge uma 'conversa' entre três planos texturais sobre insistente repetição da melodia inicial; na segunda, de textura mais homogênea, há uma antevisão de aspectos positivos do processo de luto; a terceira traz a calma aceitação do destino, apesar da dor recém-sofrida.

RAPHAEL BAPTISTA (Petrópolis, RJ, 1909 — Rio de Janeiro, RJ, ...), compositor, regente, professor, fez Estudos musicais no Rio de Janeiro. Em 1939 visitou instituições musicais de Buenos Aires. Participou da organização de conjuntos orquestras, inclusive da OSB, e criou em 1946 a Orquestra Universitária da Casa do Estudante do Brasil, que teve grande atuação na vida musical carioca. A partir de 1945, professor de prática de orquestra da UFRJ. A convite da Unesco, fez em 1954 estágio nos EUA e na Europa.

Desse compositor a *X Bienal* apresenta *Instantâneos folclóricos*.

RICARDO TACUCHIAN (Rio de Janeiro, RJ, 1939) ER, graduado em música pela UFRJ, foi bolsista da CAPES e da Comissão Fulbright na University of Southern California, onde fez doutorado em 1990. Recebeu vários títulos e prêmios nacionais e internacionais. Após um período inicial mais nacionalista e neoclássico, adotou linguagem mais contemporânea em 1965; a partir de 1980 uma nova abordagem estética valoriza parâmetros de textura, densidade, timbre e dinâmica dentro de um contexto de impulso rítmico em contraste com a expressão lírica, numa atmosfera urbana e cosmopolita. É diretor adjunto de pós-graduação em música, coordenador do Laboratório de Pesquisa em Música Eletroacústica e Tecnologias Digitais, professor titular de História da Música na UFRJ e professor na UNI-RIO.

Rio-L.A. (1988), estreada em Los Angeles em 1989, exprime a atmosfera ativa de duas megalópolis, diferentes sob alguns pontos de vista e muito semelhantes em outros, sobretudo no que se refere a um clima de problemas urbanos que mistura comportamentos de grupos étnicos a posturas cosmopolitas. A estética da obra é pós-moderna, que supera as polaridades nacional/universal e vanguarda/tradição. Faz uso sistemático e estilizado de elementos de *jazz*, *samba* e *pop-music*.

ROBERTO VICTORIO (Rio de Janeiro, RJ, 1959), formado em regência e com mestrado em composição pela UFRJ, recebeu prêmios nacionais de composição e menção honrosa no Concurso Internacional de Composição do Festival da Primavera de Budapeste (1989). Venceu o I Concurso Latino-americano de Composição para Orquestra (Montevideu, 1985). Participa de festivais de música no Brasil e no exterior — Festival Ibero-americano (Hamburgo, Alemanha), Festival Internacional de Música Experimental (Bourges, França), seminário Time in Music (Groznyan, Iugoslávia). É diretor da Orquestra de Câmara do Rio de Janeiro.

Archaeus (1993) é o princípio separador do qual os quatro elementos da natureza eterna foram gerados no começo dos tempos. Termo alquímico, representa a transmutação de um princípio em quatro estágios. No tarô está relacionado numericamente com a carta número 13, que representa essa mesma transmutação através da carta da morte — sublimação e não aniquilação. A obra está escrita para 13 metais, num triplo quaternário mais um elemento agregador e unificador.

RODOLFO CAESAR (Rio de Janeiro, RJ, 1950), formação em filosofia e música na UFRJ, diploma de Musique Éléctroacoustique et Recherche Musicale pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (1976), doutorado em composição eletroacústica pela Universidade de East Anglia (1992). Participa de festivais e eventos no Brasil e no exterior — Viena, Glasgow, Londres, Paris, Aarhus (Dinamarca). Detentor de prêmios internacionais, recebeu encomendas de obras das coreógrafas Regina Miranda e Eliana Carneiro, do Duo Diálogos, do Arts Council britânico. É professor na Universidade Estácio de Sá e no Conservatório Brasileiro de Música.

Volta Redonda (1992), encomendada pelo Groupe de Recherches Musicales, Paris, realizada na Universidade de East Anglia, é a terceira peça em que o compositor interpreta idéias propostas pela escultura *Heavy metal* (mapotecas empilhadas com gavetas abertas em escada) de Milton Machado. "A dinâmica espiral da escultura guiou minhas decisões e (...) é disparada por (...) uma bolinha girando. *Volta Redonda* é o braço da espiral na direção da origem do metal usado nas mapotecas. Uma progressão lenta funde materiais ferrosos (siderúrgicos) com a atmosfera espacial (sideral) por meio de filtragens em sons gravados com o microfone."

RODOLFO COELHO DE SOUZA (São Paulo, SP, 1952), formado em engenharia civil e com mestrado em música pela USP, recebeu o Prêmio Lei Sarney de compositor revelação (1988) e bolsa de viagem aos EUA pelo USIS. É co-diretor do Festival de Música Nova de Santos e São Paulo desde 1984; foi curador de música da 20 Bienal de Artes de São Paulo (1989), diretor da seção de música contemporânea do Festival de Inverno de Campos do Jordão (1988/89/93). Em 1990 recebeu a Bolsa Vitae de Composição e no ano seguinte fez extensa turnê de concertos e conferências em universidades do EUA e do Canadá. Representou o Brasil no Sound Celebration II promovido pela Louisville Orchestra EUA.

Chuva oblíqua (1993) foi composta por encomenda de Graham Griffith para o Grupo Novo Horizonte e aproveita o título de poema de Fernando Pessoa. O motivo e a metáfora que geram o início da obra são dados pelo pau de chuva, instrumento indígena. "Um encadeamento de climas harmônicos e tímbricos descreve através de um fluxo contínuo uma paisagem sonora imaginária dentro do motivo inicial. Interferências eletroacústicas estabelecem estranhamentos que criam sutis contrastes inesperados. Ao final a música se dissolve retornando ao pau de chuva."

RODRIGO CICHELLI VELLOSO (Rio de Janeiro, RJ, 1966), graduado em composição pela UNI-RIO, recebeu o primeiro lugar na Competição Nacional para Compositores que celebrou o centenário de nascimento de Villa-Lobos (1987). Faz doutorado em composição na Universidade de East Anglia (Inglaterra). Em 1992 participou de *workshops* no GRM e no IRCAM (França). Foi professor no Conservatório Brasileiro de Música e em 1989 atuou no Estúdio da Glória, interessado nos meios eletroacústicos.

Cymbals: Reminiscência (1993) está dividida em dois movimentos e foi estreada no corrente ano em Wellington (Nova Zelândia). O *ostinato* começa com uma frase reiterativa pontuada por fortes ataques que progride com articulações mais intensas e regulares que ampliam a perspectiva espacial. Novos materiais criam denso fluxo musical. A frase inicial retorna com nova expressão tímbrica. A segunda parte ('Reminiscências') começa com pedal que evolui lentamente e cita dois outros trabalhos do compositor, integradas na própria estrutura formal da obra, que faz exploração simultânea de diferentes materiais com contrastantes trajetórias no espaço.

RONALDO MIRANDA (Rio de Janeiro, RJ, 1948), graduado pela UFRJ, recebeu o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição para a II Bienal e teve obra selecionada para representar o Brasil na Tribuna Internacional de Compositores da Unesco (1978). Obteve da Associação Paulista de Críticos de Arte troféu por melhor obra sinfônica na temporada de 1982 e ganhou o terceiro prêmio no Festival de Primavera em Budapeste. É Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura da França (1984). Com bolsa da Fundação Vitae compôs a ópera *Dom Casmurro*, libreto de Orlando Codá sobre texto machadiano. É crítico musical no *Jornal do Brasil* e professor na UFRJ.

Horizontes (1992), composta para a celebração do quinto centenário do descobrimento da América, narra de maneira poética, lírica e intimista uma viagem rumo ao desconhecido — o que importa é a contínua procura do ideal a ser alcançado. O primeiro movimento mostra a expectativa do navegador e conclui com uma imagem musical das caravelas desaparecendo no oceano. O segundo descreve em continuidade e tensão os navios que cruzam o Atlântico, com blocos sonoros que configuram revolta, desânimo e desespero da tripulação. No terceiro um solo de clarinete sugere o vôo de uma ave, imagem bíblica do pássaro que anuncia terra até os novos horizontes se descortinarem aos olhos dos navegadores.

ROSEANE YAMPOLSKI (), graduação em composição na UFRJ, mestrado em 1991 na Eastern Illinois University como bolsista; faz doutorado em composição na University of Illinois at Urbana onde recebeu um 'Creative and Performing Arts Fellowship'. Recebeu vários prêmios de composição no Brasil e apresentou obras em festivais nacionais e estrangeiros.

Ciclos foi estreada no Brasil em 1990 por David Chew, a quem a obra é dedicada, e por Heitor Alimonda. "À primeira vista, a peça parece ser composta de dois ciclos: o segundo ciclo está entre Introdução e Final, partes que formam o primeiro ciclo. A peça, no entanto, é composta de três ciclos - o terceiro revela-se somente ao término da composição. A peça, em sua totalidade, forma o terceiro ciclo."

RUFO HERRERA (Córdoba, Argentina) ER, radicado no Brasil desde 1963, participou do I Festival de Música da Guanabara. Convidado pelo Grupo de Compositores da Bahia, fez pesquisas em técnicas composicionais na UFBA sob orientação de E. Widmer. A convite da Fundação de Educação Artística radica-se em Belo Horizonte em 1972 e assume por 13 anos consecutivos as oficinas de arte integrada do Festival de Inverno da UFMG, organiza o I Encontro de Compositores Latino-americanos, cria o Centro Latino-americano de Criação e Difusão Musical. Bolsista em 1990 da Fundação Vitae, desde 1991 atua com o Quinteto Tempos.

Suite Urbana (1993) foi composta para o espetáculo *Bom dia Missislifi*, estreado em Belo Horizonte e apresentado no Equador. De conteúdo dramático, está dividida em cinco partes: "Divagações sob um luar de agosto": os instrumentos improvisam sobre fragmento temático até reunirem-se em estrutura de movimentos suaves mas obsessivos e sem resolução; "Cidade nua": o tango instala a dramaticidade interior de Missislifi, louca apaixonada; "Rito noturno": agitação e trulclência polirrítmica, microativos que se sucedem velozmente, sutis variações de bloco para bloco alternando com sonoridades aleatórias resolvidas em *ostinato*; "Encontros — Retornos": valsinha ingênua gira sobre sua nostalgia sem solução; "Tocata del Alba": o auge da loucura é a extrema lucidez que se liberta em força rítmica até a improvisação sobre o tema inicial, finalizando em cadência para se diluir em jogo tímbrico onde instrumentos transformam sua personalidade convencional e improvisam outras sonoridades.

SÈRGIO ROJAS (Rio de Janeiro, RJ, 1960), estudos com Guerra Peixe, Koellreutter, Turíbio Santos, bacharel em ciências sociais pela UFRJ, fez estágio de dois anos em música eletroacústica no GRM, Paris, cidade onde assistiu a cursos de composição por Pierre Boulez e de semiótica por Umberto Eco.

Microinfinitos (1993), composta nos estúdios do GRM, Paris, é "uma constelação de microcanções explorando novos namoros entre a poesia e a música. Uma concepção eletroacústica incorporada, esquecida; a música livre de qualquer adjetivo, sem nenhum medo de melodias ou de pulsações rítmicas onde se exprime o erotismo do corpo. A linguagem poética no limite da consciência, namorando a prosa, longe de qualquer domesticação dos gêneros literários. Diálogos de espaços culturais contrastantes (...) onde a razão e os conceitos se calam e tudo é mistério."

SÉRGIO VASCONCELLOS CORRÊA (São Paulo, SP, 1934), graduado pelo Conservatório Dramático e Musical e pela Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, recebeu cerca de trinta prêmios e homenagens especiais. Atuou como crítico musical de 1965 a 1983 em jornais de São Paulo, publicou artigos especializados, é conferencista e autor de três livros e traduções de obras estrangeiras sobre música. Foi presidente da Sociedade Pró-Música Brasileira, e é membro de várias instituições. Em 1992 recebeu primeiro lugar em concurso da UNESP com um método de iniciação pianística. É professor na Escola Superior de Música Santa Marcelina, na UNICAMP e na UNESP.

Concerto do agreste (1992/93) explora constâncias rítmico-melódicas e peculiaridades da música do agreste brasileiro, sobretudo modais. A introdução é seguida da exposição do primeiro tema; o segundo tema apresenta diálogos breves entre orquestra e solista, seguidos de desenvolvimento e reexposição encerrada por pequena coda. O tema do segundo movimento, tratado em cânone e em andamento de passacalha, é seguido de seis variações interligadas. O terceiro movimento é uma tocata de ritmo instigante e instável que traz fragmentos e células extraídos dos movimentos anteriores. Após breve introdução, com os elementos temáticos A e B, o solista introduz o tema principal, tranqüilo e afetuoso, seguido pela volta ao elemento B, mais trabalhado. O desenvolvimento traz os elementos C e D. A reexposição trabalha sobretudo os elementos A, C e D e se encerra com três incisivas células por toda a orquestra.

SILVIA DE LUCCA (São Paulo, SP, 1950): com diploma em psicologia, estudou composição com Claudio Santoro, Mário Ficarella, Aylton Escobar e com Balissat em Genebra. Premiada no Concurso de Composição da TV Cultura, São Paulo (1983). Residiu em Genebra e Zurique por quatro anos, tendo então recebido encomendas de obras nessas cidades. No Brasil desde 1993, exerce atividade docente, além da composicional.

Cordas vocais (1991) foi composta por encomenda de Il Mosaico — Jugendorchester (Wattwil, Suíça). O título está diretamente vinculada a efeitos obtidos com a participação vocal e instrumental dos executantes. A obra baseia-se nos princípios estruturais do rondó.

SILVIO FERRAZ (São Paulo, SP, 1959): iniciou estudos de composição em 1977 e desde o ano seguinte participa dos principais festivais de música brasileira. Recebeu primeiro prêmio em concursos da UNESP (1990, 1991) e no Primeiro Concurso Firsiroti de Música Criativa (Landrino, PR, 1992). Integra o editorial da revista *Cadernos de estudo: Análise musical* desde sua fundação. Tem obra encomendada pelo British Council. Fez mestria em artes na USP, foi professor na Universidade de Uberlândia e faz doutorado sobre música e repetição na PUC/SP com bolsa da FAPESP. Desenvolve linha de pesquisa que incorpora canto de pássaros e manifestações musicais de outras culturas à sua criação.

Canto de cura (1993) parte de gravações de cantos Suyá feitos no Xingu. Após tratamento e sampleamento, eles foram re-trabalhados para sequenciação feita via improvisação direto sobre teclado e auxílio de computador. O grupo instrumental dialoga com a fita pré-gravada. O canto indígena é subdividido agressivamente pela percussão; nas respirações ofegantes, linhas melódicas maldam seqüências lineares de respiração fácil; nos coros polifônicos uma nova melodia vem fazer parte desse contraponto, numo busco de integração.

TATO TABORDA (Curitiba, PR, 1960) EM, interessado em músicas experimentais, é autor de música incidental para cinema, teatro e televisão, produtor de discos independentes e participou da organização das Oficinas Latino-americanas de Música Popular. Dirigiu o grupo Juntos Música Nova e foi professor de música experimental na Escola de Música Villa-Lobos.

Samba do crioulo doido (1993): "Sempre achei curioso que os sapos-martelo coxassem em pulsos fixos, diferentes uns dos outros, gerando uma fantástica polimetria. Ficava imaginando se em algum momento todos aqueles pulsos se encontrariam em um ataque simultâneo para depois defasarem de novo. Isso nunca acontecia. Decidi então compor uma obra para promover esse encontro (... e que) é, também, a minha peça mais 'nacionalista'. Não propriamente por alguma profusão de síncope ou por harmonias e melodias indígenas com ocores de sexta mas por estar encharcada de signos que apontam diretamente ao 'caos nosso de cada dia'"

TEREZA FAGUNDES (Aimorés, MG), estudos iniciais em Vitória com participação em festivais locais de música, continuados no Rio de Janeiro com Guerra-Peixe e na UFRJ, onde fez também mestrado em composição orientada por Henrique Morelenbaum. Participou de precedentes Bienais de música e de eventos análogos, e estuda canto lírico com Diva Pieranti.

Mobilis baseia-se "no conceito estrutural de sonata. A escrita polifônica é usada em toda a sua extensão, sendo o seu clímax no terceiro movimento, onde encontramos um fugato com a tema que inicia a obra. Há ainda o estabelecimento de diversos ritmos harmônicos resultantes das partes existentes."

TIM RESCALA (Rio de Janeiro, RJ, 1961), estudos com Maria Yêda Cadah e Koellreutter, graduação pela UNI-RIO. Atuou inicialmente como pianista e orionjador de música popular, interessando-se depois pela música cênica, com participação em trinta espetáculos, uma das quais lhe valeu o prêmio Mombembe, de 1983. Às atuações referidas acrescentou as de ator. É diretor e produtor musical do programa Chica Anyzio Show, e membro fundador do Estúdio do Glória, cooperativa de compositores criada em 1981 no Rio de Janeiro para possibilitar a realização de obras eletroacústicas.

Bossa nova (1993), "embora seja música de concerto, procura desenvolver estruturalmente os elementos que mais caracterizam esse estilo musical: a harmonia dissonante e o ritmo sincopado. Transportados para outro contexto, esses elementos são tratados como material composicional e não como mera adorno estilística. No entanto, os estilos de interpretação de João Gilberto no violão e Tom Jobim no piono tornam-se presentes e indispensáveis à construção da peça."

VANIA DANTAS LEITE (Rio de Janeiro, RJ, 1945) EB, graduada pela UFRJ, recebeu o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição (1972) e o terceiro lugar no Concurso Internacional de Regência dedicado às obras de Mozart (1972). A partir de 1974 inicia contatos com a música eletrônica nos Electronic Music Studios de Londres e montou seu estúdio no Rio de Janeiro. Convidada, fez estágios em estúdios e participou de festivais em vários países europeus. É professora na UNIRIO e prepara tese de mestrado na UFRJ.

Tango (1992) segue a forma de poema escrito pela compositora e é dedicado ao violoncelista Peter Schuback. A obra trabalha "elementos extra-sonoros que sempre fizeram parte de uma composição musical, como o corpo sonoro, o espaço onde o som se projeta, a partitura, o gesto do músico etc.". Ela se origina de três elementos: a poética do tango, o gesto físico e o som. Uma fragmentação origina uma forma musical retrogradada, de forma que "o trabalho de desenvolvimento temático inicia a composição e o tema propriamente dito só se constrói no final da obra".

WELLINGTON GOMES (Feira de Santana, BA, 1960), membro do Grupo de Compositores da Bahia, fez graduação em composição e regência pela UFBA. Primeiro lugar na XIV Apresentação de Compositores da Bahia (1981) e no I Concurso Nordestino de Composição Camerística (1984), terceiro lugar no III Concurso Nacional de Composição Villa-Lobos, primeiro prêmio e segundo prêmio no IV e no V Concurso Nacional de Composição promovido pela UFBA (1989 e 1991). É professor de composição na UFBA e violista da Orquestra Sinfônica da Bahia.

Embriões metálicos (1991) reflete a ansiedade tecnológica contemporânea através da rapidez e objetividade do homem moderno. "Na relação entre o robô (computador) e o bebê de proveta (bebê metálico) o homem acelera a sua capacidade ansiosa e relaciona o ser humano à máquina e a máquina à espécie humana. Essa relação maquinal e metálica é refletida na peça, construída em blocos que se movimentam através de 'reflexos' (utilização de recursos timbrísticos) e 'refluxos' (movimentos melódicos que retrocedem ou caminham em direção a uma contração)."

MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDO NACIONAL DE CULTURA

FUNARTE/ IBAC

PRESBITURA
RIO CIDADE MARAVILHOSA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA